

**MARIA CARLOTA ROSA
&
MARIANA FERNANDES FONSECA**



**LISBOA EM TEMPOS DE PESTE:
A *RECOPILAÇÃO*
DE ÁLVARES & SALZEDO**

APOIO



UFRJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
POSLING
FACULDADE DE LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

R788 Rosa, Maria Carlota.

Lisboa em tempos de peste : a recopilação de Álvares e Salzedo [recurso eletrônico] / Maria Carlota Rosa, Mariana Fernandes Fonseca. – Rio de Janeiro : M. C. Rosa, 2018.

Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-922372-1-9

1. Epidemias - Lisboa. 2. Medicina - Portugal. 3. Pestes. I. Fonseca, Mariana Fernandes. II. Título.

CDD 614.49469425

LISBOA EM TEMPOS DE PESTE:
A RECOPILAÇÃO DE ÁLVARES & SALZEDO

Maria Carlota ROSA e Mariana Fernandes FONSECA

1ª. edição

Rio de Janeiro
Maria Carlota Amaral Paixão Rosa
2018

LISBOA EM TEMPOS DE PESTE: A RECOPILAÇÃO DE ÁLVARES & SALZEDO

Este livro focaliza a *Recopilaçam das cousas que conuem guardar se no modo de preseruar à Cidade de Lixboa. E os sãos, & curar os que esteuerem enfermos de Peste*, um dos tratados sobre a peste que foram impressos em Portugal no século XVI. Os dois médicos que assinam a *Recopilaçam* — Tomás Álvares (fl. 15--) e Garcia Salzedo y Colonel (fl.15-) — são chamados de Sevilha a Lisboa pelo rei D. Sebastião (1556-1578) em razão de mais um dos inúmeros períodos de epidemia que assolaram essa cidade a partir do século XII.

Álvares e Salzedo declaram que sua obra resulta de extensa pesquisa bibliográfica e a leitura do texto leva a compreender o emprego do termo *recopilação* no título. O texto remete o leitor a obras médicas medievais sobre a peste, como o *Regimento proueytoso contra ha pestenença*, de Canuto (ou Kaminto, ou Raminto, ou Jacobi), cuja tradução portuguesa conhecida foi impressa talvez em 1496 por Valentim Fernandes (?-1519?), impressor alemão que se estabeleceria em Lisboa no final do século XV.

Apresenta-se a seguir uma edição da *Recopilaçam*. Teve por base um exemplar da edição de 1598. A edição é precedida de um estudo que objetiva apresentar ao leitor o contexto que gerou o tratado quinhentista.

Maria Carlota Rosa é Professora do Departamento de Linguística e Filologia e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contribuição neste trabalho: conceituação, estudo e redação final.

Mariana Fernandes Fonseca é atualmente doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. À época da participação neste trabalho era graduanda em Letras (Português-Latim). Contribuição neste trabalho: edição do texto.

SUMÁRIO

[Prefácio](#)

Parte 1 - Um tratado médico oportuno

1. [Introdução](#)
2. [O contexto das edições conhecidas](#)
 - 2.1. [1569: A peste grande](#)
 - 2.2. [1580: novo agravamento da peste](#)
 - 2.3. [1598: a peste não veio sozinha](#)
 - 2.4. [1801: mudam as justificativas da edição](#)
3. ["Mate-nos Deus com os meus": a recepção da obra](#)
4. [A missão de Tomás Álvares e García Salzedo em Portugal](#)
5. [Esboço da construção do texto](#)
 - 5.1 [As partes da obra](#)
 - 5.2 [O vocabulário para sintomas e medicamentos](#)
 - 5.3 [A preparação da obra](#)

Parte 2 - A edição

[Referências](#)

PREFÁCIO

O presente trabalho é resultante de um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2010 que envolveu a Iniciação Científica. Trabalhava-se o desenvolvimento da tipografia em Portugal, em que o século XVI é marcante, e introduzia-se um aluno de graduação no mundo das edições de texto e da Biblioteca Nacional.

O texto-relatório teve uma versão prévia (*Medidas para prevenção, cura e controle da peste no século XVI: a Recopilaçam de Álvares & Salzedo*), e ficaria esquecido até 2018, quando a Professora Darcília Simões (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ) enviou uma provocação por *email*: "*Vamos tirar textos da gaveta*". Vai para ela, portanto, nosso primeiro agradecimento.

Pelas sugestões e informações durante o desenvolvimento da pesquisa, nossos agradecimentos aos Professores Diana Maul de Carvalho (Universidade Federal do Rio de Janeiro/ UFRJ), Fabiano Cataldo de Azevedo (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO) e João Alves Dias (Universidade Nova de Lisboa).

Não podemos esquecer o auxílio do CNPq, consubstanciado em bolsa de Iniciação Científica.

PARTE 1

Um tratado médico oportuno

Introdução

A *Recopilaçam das cousas que conuem guardar se no modo de preseruar à Cidade de Lixboa. E os sãos, & curar os que esteuerem enfermos de Peste* (doravante *Recopilaçam*) foi publicada inicialmente em 1569, em Lisboa, na Oficina de Francisco Correa (?-?1585), impressor de Sua Alteza (ver Anselmo, 1926: 136). Este impressor, segundo aponta Deslandes (1888 [1988]: 66-67), teria começado a trabalhar em Lisboa no final da década de 1550, tendo antes trabalhado na oficina do Estudo Real em Coimbra e, por breve período, no Porto.

Anselmo (1926: 246) noticia outra edição de 1569, pela oficina de Antônio de Mariz (?-1599?), que foi impressor e livreiro da Universidade de Coimbra (Deslandes, 1888 [1988]: 91-94). Para Anselmo (e também para Roque, 1979: 344) a notícia tem como uma das fontes a *Bibliotheca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (1741-1759: III, 739), que apontou duas edições: essa e a de Lisboa de 1580. A mesma edição está indicada em Albrecht von Haller (1777: II, 172). Para Roque, a edição de Coimbra não passava de “conjectura”. Neves Portugal (1801: iii) argumenta que

parece impossivel que encommendando-se mui grande pressa aos Authores para acabarem a sua Obra a fim de se imprimir [...] que se mandasse fazer a primeira Edição a Coimbra, havendo então seis Typographos em Lisboa [...]: e assim creio houve duas Edições em 1569.

Há informação de uma edição de Coimbra em 1565 (Anônimo, 1862: 234) de que não se encontrou qualquer outra informação sobre ela.

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ) tem em seu acervo — sob a cota W3,5,n.5 — uma segunda edição, por Marcos Borges, impressor que teve prelo em Lisboa e “*foi da casa e serviço de el-rei D. Sebastião*”

(Deslandes, 1888 [1988]: 123). A datação do exemplar, 1580, segundo o catálogo da BNRJ, teve por fonte o British Museum. Esse exemplar é a quinta obra numa encadernação que reúne várias obras. Atualmente a parte inferior das páginas do exemplar da BNRJ está muito danificada, mas parece tratar-se de exemplar da mesma edição descrita por Anselmo (1926: 101): a mesma gralha — *Lixbo* por *Lixboa* — está legível no exemplar descrito por Anselmo e também naquele da BNRJ. Segundo Anselmo (1926: 101), o ano de impressão está no rosto da edição do exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP): “*Impresso em Lixbo [sic] por Marcos Borges, Impressor del Rey nosso Senhor. Anno de M.D.LXXX*”.

O exemplar da BNRJ deteriorou-se bastante pelo que aparenta ter sido a ação de insetos vulgarmente denominados *brocas* (*Tricorynus herbarius*), num ataque que, pela quantidade de perfurações, comprometeu gravemente o volume. Em 2010 a *Recopilaçam* ficou indisponível para consultas na BNRJ, para passar por restauro. Em 2011 a obra voltou à leitura. Embora restaurada, o dano prévio ao suporte havia comprometido partes extensas de texto de todas as páginas e essa perda era irreversível.

Em novembro de 2010 a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa (FMUL) tornou disponível na sua [Biblioteca Digital](#) um exemplar em condições bem melhores de leitura que o da BNRJ. Não se trata da mesma edição da BNRJ, mas de uma terceira (ou quarta?) edição, feita em 1598, em Lisboa, embora informe, como na de Marcos Borges, tratar-se de “*segunda impressão*” e de ostentar que foi mandada imprimir pelos mesmos Vereadores, Provedor-Mor da Saúde¹ e Procurador da edição de 1580. Não há indicação de impressor na edição de 1598, mas apenas de onde era vendida. É possível que o impressor fosse também esse livreiro, Sebastião Carvalho, que se supõe ter sido filho e herdeiro de outro impressor em Lisboa, Manuel Carvalho, também estabelecido na Rua Nova (Brito, 1911: 10).

O exemplar de 1598, diferentemente do de 1580, tem a portada enquadrada por tarjas². Ao fundo dessa página, dentro de escudo clássico, a

¹ Para o termo, ver Bastos (2005: 5).

² Sobre as *figuras terminais* ou *termini* — figuras humanas sem a representação da parte inferior do corpo, delimitadoras do espaço para a informação na página — o Prof João Alves Dias

informação “*Impresso com licença Anno 1598*”. Não mais estampa que foi “*Vista pellos Deputados do Sãcto Officio*”, mas apenas que foi impressa “*com licença*”.

(Universidade Nova de Lisboa) informou (c.p.) que esse mesmo conjunto de composição de tarjas aparece em portadas anteriores, como, por exemplo, num impresso de 1581, por Francisco Correia, em Lisboa: *Das festas que se fizeram na cidade de Lisboa na entrada del Rey D. Philippe primeiro de Portugal*, de Afonso Guerreiro. Representariam o Novo e o Velho Mundo.

O contexto das edições conhecidas

As edições conhecidas desse tratado médico coincidem com períodos de recrudescimento da peste em Lisboa. A seguir, um levantamento da conveniência da publicação a cada edição.

2.1. 1569: A peste grande

O ano de 1569 ficaria assinalado como o da *peste grande*. Havia cerca de quatro décadas desde a última epidemia, fator que teria dificultado “*que os físicos mais novos reconhecessem os seus sinais*” (Abreu, 2004: 11). E os sinais haviam começado a surgir ainda em 1568:

Foy o anno de 1568. infelicissimo pera este reyno: porque nelle teve principio o cruelissimo fogo de peste que o correo & abrazou todo com mortandade de infinitas gentes. Passava de quarenta annos que a cidade de Liboa gosava de hua corrente continua de tempos benignos, quando no principio deste, avendo precedido grande & desacostumada força de agoas todo o inverno, & sobrevindo espessas nevoas, que no sitio de sy humidissimo saõ prejudiciaes, começãrão a sentirse gèralmente erisipulas & carbunculos com febres de mà calidade, que dando em hũa casa se pegavão e corrião por todos: logo se forão descobrindo forças de mayor veneno, em pintas & inchaços, com mortes arrebatadas”

(Fr. Luiz de Souza, 1818: I, 510-511).

Mas os sintomas não levaram à identificação da doença: “*Não era o mal de todo conhecido, davãose outras causas à violencia dos accidentes, & ao acabar repentino, & não faltava quem com medo de se ver desamparado da companhia, ou lançado della, dissimulava ou negava*” (Fr. Luiz de Souza, 1818: I, 511).

Segundo Baião (1737: 134), já “*pelo S. Joaõ morriaõ nella cada dia a 50. e a 60. pessoas*”. A situação pioraria rapidamente e esse verão assistiria a um

flagelo: “no mês de Julho e Agosto não ouue dia de menos de mortos de quinhentos seiscentos e setecentos não auendo ia adros onde os enterrar que uinte trinta corenta sincoenta sesenta deitauão em cada coua que pera o tal faziam muito grandes”, abrindo-se sepulturas em “monturos, ouliuais, prayas [...] ate o campo da forca que foi todo laurado de couas (Pero Roiz Soares, *apud* Reis, s.d.:4n13). Ainda nas palavras de Fr, Luiz de Souza: “E como hia caminhando ao passo dos que o levavão [i, e., levavam o contágio -MCR] consigo de huns lugares a outros, os que mais distante estavam de Lisboa, forão os que mais tarde o sintirão. Quando chegou a àlem Douro era já por fim do anno de sesenta & nove, & principios de setenta” . (Fr. Luiz de Souza, 1818: I, 512).

A contagem de mortos foi reportada por outras fontes, posteriores, como Baião (1737: 134):

E daqui avante até o fim de Setembro morriaõ cada dia a quinhentas pessoas, e não havendo já Igreja, nem adro onde os accõmodar, os enterravaõ juntos a vinte, trinta, quarenta, cincoenta, e sessenta em cada cova, que para isso se faziaõ muito grandes, chegando a estado que sagràraõ o campo da forca, que agora se chama Santa Barbara, e outros baldios, e prayas, que tudo se encheo de covas de defuntos, e pelas ruas e logeas os chegaraõ a sepultar por se acharem já corruptos, e se poder dar vazaõ

ou, já no século XIX, por um autor anônimo (“*que houve dias de seiscentos mortos na cidade de Lisboa*” - Anônimo, 1862: 234) e também por Camilo Castelo Branco (1882: 116-118).

Em agosto e setembro estima-se ter havido cerca de 20.000 doentes simultâneos (Rodrigues, 1990: 102), cifra mais expressiva ainda quando se confronta esse número com aquele que seria a estimativa do total da população da cidade por volta dessa época época: estima-se que em 1551 a população de Lisboa estivesse em torno de 100.000 habitantes (Rodrigues, 1990: 29).

As portas da cidade seriam reabertas apenas em 28 de julho de 1570 (Rodrigues, 1990: 103).

2.2. 1580: novo agravamento da peste

Nova edição da *Recopilaçam* vem a público em 1580, também o ano da perda da independência portuguesa. Bastos (2005:16), citando Luis Augusto Rebelo da Silva (*História de Portugal nos séculos XVI e XVII*, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, pp. 434-435), chama a atenção para o fato de que a epidemia foi explicada como um castigo aos que se opunham ao domínio espanhol resultante da crise sucessória que se instalara com a morte de D. Sebastião:

Mas, em 1580, a mão interventora de Deus se fez novamente presente no curso da história, agora a apoiar ideologicamente o "novo poder" que se impunha: atingindo os portugueses com uma peste-castigo expressou, segundo um embaixador castelhano em Lisboa, o apoio divino à causa de Filipe de Espanha.

A edição de 1580 vinha a público em meio a uma situação de epidemia, cujos primeiros casos haviam sido notados em setembro de 1578 (Rodrigues, 1990: 109). Um novo surto ou o agravamento do anterior teve início em outubro de 1579, agravando-se em abril e maio de 1580: em Lisboa 40.000 mortos e, em algumas ruas de Évora, todos os moradores mortos (Anônimo, 1862: 234).

Tanto a edição de 1580 como a de 1598 não mais apontam como Provedor-Mor da Saúde de Lisboa Antônio Dias no rosto da edição, mas Fernão de Pina.

2.3. 1598: a peste não veio sozinha

A edição de 1598 é contemporânea de nova epidemia, disseminada em conjunto com a falta de alimentos depois das cheias de 1597 (Barbosa, 2001: 12), com o bloqueio inglês ao porto de Lisboa em razão das desavenças entre Felipe II e Elizabeth I, um tremor de terra em julho desse ano (Barbosa, 2001: 12), surtos de cólera, varíola e sífilis e com a explosão na população de ratos

(Rodrigues, 1990: 117). Dessa vez “entraram na casa de saúde³ 20.000 pessoas, das quaes se curaram 13.861” (Anônimo, 1862: 234).

2.4. 1801: mudam as justificativas da edição

A obra ganharia ainda uma nova edição em 1801, por um “sócio da *Academia Real das Sciencias*” — segundo Innocencio Silva (I, 28), seria Alexandre António das Neves Portugal (1763-1822) — que juntou a obra dos dois médicos à segunda edição de suas *Advertencias dos meios que os particulares podem usar para preservar-se da peste, Conforme o que tem ensinado a Experiencia principalmente na Peste de Marselha em 1720, de Toulon em 1721, e de Moscou em 1771, compiladas por hum socio da Academia R. das Sciencias, e por ella mandadas imprimir em beneficio da saude publica*. Desta feita as razões para a nova edição são de outra ordem, como explica o editor:

A Presente Edição [...] he addiccionada com o Opusculo de Thomas Alvares, e Garcia de Salzedo (que na mesma Edição foi qualificado de excelente), por quanto o merecimento delle ficava inútil pela sua extrema raridade.

[...]

pelo mui grande merecimento de seu todo; e pelas muitas, e circunstanciadas Observações sobre aquella Peste, uteis para todo o tempo, e que se não achão noutros Authores, pois ainda mesmo não he muito facil de encontrar a simples noticia de que houve peste em Lisboa naquelle tempo. Accresce, que a mesma Obra contém algumas outras noticias curiosas; e que he bem escrita, o que tambem foi causa de fazer-se esta Edição, para poder servir á continuação do Diccionario Portuguez, que a Academia tem a seu cuidado.

(Neves Portugal, 1801: i; vi)

³ Segundo Abreu (2004: 5), as casas de saúde eram “*habitações particulares situadas bem longe da cidade, tomadas pelo município, e transformadas em hospitais temporários*”.

"Mate-nos Deus com os meus": a recepção da obra

Os anos de publicação 1569, 1580 e 1598 coincidem com picos de mortalidade em Portugal, resultantes de epidemias de peste. Uma reedição a cada um desses episódios leva a considerar que a obra foi bem avaliada em Portugal.

O elogio aos médicos estrangeiros⁴ não foi unânime, porém. O provérbio da época "*Mate-nos Deus com os meus*" parece indicar que o sucesso resultante dos tratamentos prescritos por Álvares e Salzedo não foi visto pela população como qualitativamente melhor do que o que já se praticava em Portugal. Afinal a atuação dos médicos locais fora sintetizada pelo povo em ditados como "*Se tens físico teu amigo manda-o a casa do teu inimigo*"; "*Mal por mal antes cadeia que hospital*"; "*O melhor médico é o que se procura e se não encontra*".

Um acaso poderia ter contribuído para as visões negativas da obra. Ambos os médicos chegaram a Lisboa a 2 de agosto e terminaram a obra a 12 desse mês, coincidindo sua chegada com o fato de que o mal atingiu "*em Agosto e Setembro a maior virulência*" (Rodrigues, 1990: 102).

Presume-se que no máximo 5% da população de doentes em simultâneo nesses dois meses, *i.e.*, 3 ou 4 mil, foram "*assistidos, quer na Casa de Saúde para pestíferos, quer nas enfermarias criadas para o efeito em vários bairros*" (Rodrigues, 1990: 102-103). Apesar do ditado irônico, contar ou não com a assistência profissional levou a probabilidades de cura bem distintas: "*rondariam*

⁴ Tomás Álvares era português? Sim segundo Zacuto Lusitano (1575-1642), que o arrola entre os *Lusitani Periti* (Zacuto, 1629); Barbosa Machado (1741-1759: III,739) segue explicitamente Zacuto. Albrecht von Haller (1708-1777) o refere como "*Thomas Alvares Lusitanus*". Neves Portugal (1801: ii) discorda.

os 50% para os que conseguissem lugar nas enfermarias, morrendo quase todos os outros” (Rodrigues, 1990: 103).

A missão de Tomás Álvares e García Salzedo em Portugal

Os dois médicos de Sevilha que assinam a *Recopilación* relatam que são chamados a Lisboa pelo rei português D. Sebastião (1554-1578). A folha de rosto informa que são médicos desse rei.

Tomás Álvares e García Salzedo chegam a Lisboa a dois de agosto de 1569 ([1580]: 3; 1598: A2). Dez dias depois a obra estava terminada, escrita em espanhol, mas “*El pro[ue]dor mayor de la salud quiso se trasuntasse & imprimiesse en lengua Portuguesa*”, embora “*quisieramos se imprimiera en la lengua que se escriuio*” ([1580]: 2v; 1598:[2]).

Por que chamar dois especialistas do estrangeiro? Sob o reinado de D. João III (1502-1557) não vinha sendo incomum em Portugal a iniciativa de convidar especialistas radicados em outros países para o ensino médico na universidade. Em 1556, Afonso Rodrigues de Guevara, professor de Anatomia da Universidade de Valladolid (Bellini: 2007: 614) fora convidado por D. João III para lecionar Anatomia na Universidade de Coimbra, onde criaria a cadeira de Cirurgia no ano seguinte (Abreu, 2010: 101). D. João III também convidara, em 1537, Enrique Cuellar para a cadeira de *prima* de Medicina ao transferir de Lisboa para Coimbra os Estudos Gerais (Costa Ramalho, 1973-74: 92). Outros nomes daquela universidade no tempo de D. João III eram estrangeiros ou viviam fora de Portugal, como os médicos Antônio Reinoso e Francisco Franco⁵. Não só a área médica recebeu estrangeiros. Nas Artes, “*Eusébio era italiano e*

⁵ Francisco Franco era natural de Vila Viçosa e estudara em Alcalá; Antônio Reinoso, que substituiu Cuellar, era de Viseu (Portugal/ Junta de Providencia Literaria, 1771:310).

Vicente Fabrício, «germanus», não sendo, portanto, parente de Arnaldo Fabrício que era francês” (Costa Ramalho, 1981: 6).

No caso da epidemia de 1569, o convite a especialistas de Exterior para a prática médica não foi o primeiro recurso de que o jovem rei D. Sebastião⁶ lançou mão. No seu *Portugal cuidadoso, e lastimado*, Baião (1737: 133 – ênfase no original) assim relata as primeiras providências reais:

*POuco tempo havia, que El-Rey estava nos Paços do Castello em Lisboa quando começou a correr fama, que nella havia peste, de que muitos adoeciaõ, e morriaõ, o que sabendo S. A. mandou fazer junta de Medicos perante si para saber a verdade. Os modernos, todos presumidos de sabios sem experiencia, negavaõ ser peste, dizendo: **Naõ he nada, foy o inverno muito grande, e de suas humidades procedem estes apostemas nos corpos.** Porém os antigos, que tinhaõ experiencia de outras, que viraõ, affirmavaõ, que era, e da mais refinada, e se sahiaõ da Cidade, aconselhando o mesmo aos amigos; e ElRey à mayor cautela se foy para Cintra, e todas as mais pessoas Reaes para outras partes com seus pressupostos por naõ causarem aballo na Cidade.*

17

Quase quatro décadas depois do último episódio de peste, uma parcela dos médicos não reconhecia seus sintomas, e os que os reconheceram fugiram de Lisboa. Como fugiu o rei, que andou “*de terra em terra, em quanto durou o contagio da peste, fugindo aos rebates della*” (Baião, 1737: 139).

De Cintra, em 12 de julho de 1569 (Baião, 1737: 135), o rei tomava medidas emergenciais: para o governo da cidade passou poderes ao Governador da Casa do Cível, Diogo Lopes de Sousa, ao Vedor da Real Fazenda, ao Capitão-Mor da Cidade e aos Vereadores da Câmara⁷; de outro, sem médicos, ou com poucos e ruins,

*[p]ara a Cura dos enfermos mandou vir muitos Medicos de fóra do Reyno com grandes premios, e salarios; e observousse que depois que chegaraõ, que foi no principio de Agosto morriaõ muitos mais, de que nasceo o proverbio de: **Mateme Deos com os meus.** (Baião, 1737: 135 – ênfase no original)*

⁶ D. Sebastião assume o governo em 20 de janeiro de 1568, ao completar 14 anos.

Meirelles (1866: 51) reduz o número apontado por Baião. Não “*muitos Medicos*”, mas apenas dois teriam sido convidados pelo rei: “*mandou vir de Hespanha, com grandes premios e salarios, dous medicos de grande sciencia e larga práctica*”. Álvares e Salzedo chegam a Lisboa no início de agosto.

Esboço da construção do texto

5.1 As partes da obra

A obra tem duas partes, em estilos discursivos bem distintos. A primeira é a *Recopilaçam* propriamente dita; a segunda, *As determinações das duuidas, que se propuseram ante o Doctor Antonio Diaz, Vereador, & Prouédor Mór da Saude*.

A primeira parte é subdividida em quatro seções: **(1)** *A ordem que se deu do que conuinha ao geral da Cidade para preseruaçam, & cura desta enfermidade de Peste* (1598: [2]); **(2)** *A ordem que se ha de tèr com os enfermos pobres, assi em as casas da saude, como em particulares* (1598: [3]); **(3)** *Regimento preseruativo Contra o mal da peste* (1598: [4v]); e **(4)** *Modo curativo* (1598: [7v]).

As advertências ao Geral da cidade dizem respeito a como preservar a saúde: mantimentos de boa qualidade (“*Nam he bom que se venda carne [.....] que começar a cheirar mal, & o de seu mesmo os pescados [...] que não se vendam fruitas [...] começadas dapodreceer*” – 1598: [2v]) e em quantidade, pouco exercício, limpeza ou queima das roupas dos enfermos, limpeza de locais públicos, enterro de corpos, fogueiras de ervas aromáticas nas ruas, sem aglomerações, em especial de negros (“*porque elles de si mesmos saõ mais prõptos a cair neste mal*” – 1598: [2v]), sem atracação de navios negreiros no porto, fechamento de banhos e casas de mancebia. As casas que tivessem três ou mais doentes deveriam ser despejadas e cerradas.

A segunda parte diz respeito a um incipiente sistema público de saúde com pouca verba. Álvares e Salzedo recomendam “*que aja dous Ospitaes aos dous extremos da Cidade, casas grandes, & airosas, & podendo ser baixas antes que altas em que aja muytos aposentos onde estem repartidos*” (1598: 3), que foram efetivamente construídos:

Além dos dois grandes hospitais erguidos na cidade, para receber os empestados, por proposta dos médicos sevilhanos que, a pedido do rei, aí se encontravam para auxiliar os físicos de Lisboa, um estabelecido numa quinta do arrabalde e o outro construído numa praia próxima, sabe-se da edificação de dois recolhimentos, um para crianças abandonadas e outro para jovens órfãs.

(Reis, 2004:3)

Se os doentes pobres têm

suas casinhas em que podem estar, seria bom que pera estes se mandasse dar salario a algũs medicos, a cujo carregó estiuessem repartidas as freguesias, & que estes medicos cada hum com seu religioso visitasse os pobres, & que por suas receptas assinadas pello medico, & religioso se lhe pagassem aos boticairos as mezinhas que por ellas derem

(1598: 4).

Se os pobres fossem escravos, deveriam estar apartados dos demais e “a custa de seus donos, porque não se corrompa mais o ar com o mau cheiro repartido pollo pouo” (1598: [3v]). Os doentes, escravos ou não, deveriam levar sua cama para o hospital: “Que se leuem aos hospitaes as camas dos feridos que la forem, assi liures como escrauos: tendose ja deytado nellas depois de feridos, pera menos custa dos hospitaes, & porque aja menos roupa repartida pelo pouo (1598: [3v]). Álvares & Salzedo recomendam que se separem os convalescentes dos doentes; apontam o modo de enterrar os que morressem no hospital. Também não se deveria obrigar ninguém “a yr per força ao hospital” (1598: 3).

A terceira parte trata de como preservar a saúde. Tem recomendações de diversos tipos. Parte delas, sobre hábitos a serem mantidos ou evitados, como quais janelas abrir, a que horas sair de casa, como fazer pomas com ervas cheirosas para as ter sempre nas mãos ou em saquinhos de tafeté para serem colocados sobre o coração, não dormir muito nem ficar muito tempo acordado, não ter medo. Expressamente proibida era a conversa entre mulheres: “A conversaçam de molheres he vedada neste tempo, & com rezam”(1598: [6v]). Outra parte focaliza os alimentos que deveriam ser ingeridos e de que modo,

além de teriagas e de pílulas de Rasis⁸. No tocante às bebidas, “ajuda tambem a retificação da agua, ou vinho que se ouuer de beuer, apagar na agoa, ou no vinho hũa lamina, ou barra douro ardiendo” (1598: [6]). Chama a atenção que, embora esses médicos: a) reconheçam a escassez de tudo e que tenham deixado registro disso, como nas duas passagens a seguir:

porque como auemos visitado muytos enfermos, temos visto muytos com extrema necessidade de todo beneficio (1598, [4]);

entre os enfermos (que temos visto algūs) nos tem certificado que por nenhum dinheiro achão frangãos nem galinhas (1598, [4]);

b) que reconheçam a falta de pessoal para serviços essenciais (“*porque oje vimos tres corpos que por falta de clerigos estavam por enterrar*” - 1598, [3]); c) encontrem uma população andrajosa (“*Em a roupa dos feridos, ha de auer ordem na limpeza, & guarda pera que se possa aproueitar della sendo dalgum preço & a que o não for se queime*”, 1598, [3]); aquilo que recomendam para a preservação da saúde ou para a cura é caro e difícil de conseguir numa cidade sitiada. O preçário publicado em maio de 1653 (Portugal, 1653: 114), embora quase um século posterior, permite ter ideia de como boa parte do que recomendam estaria fora do alcance da maior parte da população, em especial dadas as condições que descrevem.

A quarta parte é sobre a cura. A *Recopilaçam* insere-se na tradição médica de Hipócrates de Cós (ca. 410 a.C.)⁹ e Galeno de Pérgamo (129-216). Quatro elementos comporiam o que existe na natureza: água, fogo, ar e terra. No corpo humano esses elementos refletiam-se num sistema de quatro fluidos, a saber, *sangue, fleuma, bÍlis e cólera/melancolia* e suas qualidades: *o quente, o frio, o úmido e o seco* (Rosa, Carvalho, Menezes, Teixeira & Cafezeiro, 2005).

⁸ Do nome do médico árabe Rasis ou Al-Raze (ca. 865-925). Agradecemos a Diana Maul de Carvalho a composição dessas pílulas (D. Caetano de Santo António. 1704. *Pharmacopea Lusitana*, Tratado Setimo, Num. 3, página 236. Edição Fac-Similada. Organização e Nota Introdutória Prof. Doutor João Rui Pita. Coimbra: Edições Minerva, 2000): “Hiera picra des oitavas, colloquintida tres oitavas e um escropulo, escamonea duas oitavas e mea, turbit, rosmaninho ana [de cada] oitavas cinco, de tudo se faça massa secundum artem. Ita Rasis cap. I lib. 9 ad. Alm. Acerca de que hiera se há de por nestas Pirolas, há grande controvérsia, porque huns querem que se ponha a de Galeno, e outros a de Rasis, porem a que se deve por he a de Rasis visto ser elle o que compos as Pirolas; e he certo, que pera a sua composiçãõ não havia de por a de Galeno senãõ a sua; assim dis Oviedo lib.3 fol. 277. Fonte Perola cap. 10 de pilul. Fol. 113. Velles sect. 5 de pilul. Fol. 135. & Paulo Zuardo in suo Thesaur. Aromat. Fol. 3 [...]”

⁹ Ver Cairus & Ribeiro Jr. (2005).

Essas qualidades podiam sofrer influências internas e externas (Santos, 2005: 44), causas de desequilíbrio, do qual adviria a doença.

O corpo teria mecanismos para expulsar o que causava a doença, como defendiam os médicos portugueses (Santos, 2005:45):

o organismo era portador de uma força curativa que lhe era inerente e, por isto, o próprio corpo procurava libertar-se espontaneamente dos efeitos nocivos de qualquer descompasso humoral através de secreções. Deste modo, a fleuma, fria, úmida e transparente, era expelida pelo nariz, nos resfriados; a bÍlis, amarela, quente e seca, era expulsa pelo vômito, nas alterações digestivas; a atrabÍlis, escura, fria e seca, era excretada junto com as fezes, nas afecções intestinais, enquanto o sangue, vermelho, quente e úmido, se desprendia das feridas e acompanhava a expectoração das doenças pulmonares

Apesar disso, se nem sempre a natureza conseguiria defender eficazmente o organismo, o médico deveria estar atento em não estorvar a natureza, o que é insistentemente lembrado na *Recopilaçam*:

Razão sera que o bom medico não somente a imite, mas que a fauoreça, & sirua, ajudãdo o a apartar tão mao humor do membro principal, de donde tanto danno pode fazer. E isto se obra muy bem fazendo as sangrias das partes que vão declaradas. E querendo fazer o contrairo, não somente não he ajudar a natureza, mas causarlhe muyto dano, não somente estoruando a obra que ella bẽ faz, mas ainda reuoluendo o humor venenoso ao membro principal ou por elle. E assi concordão os que bem escreuem nesta materia, & tanto que ay quem encareça que a quem fizesse o contrario se lhe poderia imputar a morte do enfermo.

(1598: 8v)

E pois assi he que estas nascidas, & carbúculos nã são outra cousa senã hũa expulsaõ de natureza a aquellas partes que os mēbros principaes tẽ deputados para que recebem suas superfluidades, fica claro, que ha mister ajudar a natureza, & por nenhũa maneira estoruallo. Antes toda a mais diligencia ha de ser procurar de fazer crescer a nascida ou carbunculo com todos os remedios, assi de sangrias como outros que para este proposito fazem. Porque tendo o medico feito isto auera obrado segundo a arte manda, & fazendo se a sangria de parte diferente, he occasião de diminuir a postema, & reboluer o humor às partes interiores. O qual manifiestamente parece, porque quando queremos escusar que qualquer inflamação ou postema que se faz na parte inferior não creça senão que se diminua, sangram os da parte

superior, & quando está na parte superior, sangram os das inferiores, as quaes sangriasos medicos chamão reuulsam.

(1598: 8v-9)

E por isto ha mester que as purgas sejam de contino de mezinhas beneditas nesta maneira de pestilença que corre. De maneira que não tenham força de trazer muy de longe, porque não sejam causa de tomar dentro o veneno que ja natureza irritada delle tinha começado de lançar pera à parte de fora. As mais conuenientes mezinhas sam as que com euacuar moderadamente purificação o sangue, & mais se resfria algum pouco, & mais se são cordiaes, ou se mistura ellas algũa cousa que seja cordial, & contra à peçonha, o qual se ha de guardar de contino, como em cousa que muyto vay.

(1598:10v)

O suor he hũa das euacuações que neste caso cumpre, & está louuada dos que nisso bem escreuem: assi porque esta infirmitade começa polla mayor parte de humor de dentro das veas prende em humor quente, & em infirmitade (que como esta dito) a natureza procura contino deitar à as partes de fora.

(1598:11)

Não sendo a natureza capaz da expulsão, o médico deveria recorrer ao uso de *atrativos* que conduzissem o veneno para dado ponto e às *evacuações*, por *purga* ou *sangria*.

A doença de que Álvares & Salzedo tratam é a *peste* ou *pestilença*, “*infirmitade muy breve, & peligrosissima, & de seu mortal*” (1598: 7v). A enfermidade é caracterizada como *veneno*. O dicionarista Bluteau (1712-1728), ao propor um étimo para a palavra *veneno*, apontou como possível aquele proposto por Isidoro de Sevilha (560-636) para o latim *venenum*: era assim chamado porque “*per venas discurrit*” (i.e., porque corre pelas veias). Entendido *veneno* desse modo e sendo ele a essência da peste, a *sangria* parecia ser uma decorrência lógica.

Como nota Santos (2005: 44) o adágio *Sangrai-o, purgai-o e se morrer enterrai-o* reflete a visão popular acerca do quanto essa prática médica foi comum. A sangria foi o tratamento por excelência que Álvares & Salzedo prescrevem — eles e a medicina portuguesa em geral, como parte da tradição humoral: “*A Ordem que em à cura desta infirmitade nos parece se deue de ter*

(sometendonos à melhor juizo) he que com à mayor breuidade posiuel se tire sangue” (1598: 7v). Mas essa intervenção tinha de ocorrer aos primeiros sinais de que tivesse havido contágio, ou poderia matar o doente mais depressa: “*he necessario ò remedio seja muy breue porque se passa logo á oportunidade delle. E por ser tam peçonhenta, enfraquece, & derriba à virtude, de tal maneira que começada à derribar, não tã somente a sangria não faz proueito, mas eh occasião de morrer mais asinha ó paciëte*” (1598: 7v).

Álvares & Salzedo deixam para o médico a decisão do período em que a intervenção seria indicada, que dependeria das condições que observassem no enfermo:

Pello qual muytos dos que melhor escreuem, quiserão que depois de vinte, & quatro horas não se fizesse sangria. E isto nos parece que não se tome tão precisa a limitação do tempo que seja occasiam que algũs deixem de fazer o beneficio da sangria tã necessaria neste mal, & nesta Cidadesde de Lixboa. E assi he nosso parecer: que não se tendo, sangrado abastãtamente, antes ao tempo que os que escreuem sinalam, & temos dito tendo forças ho tal enfermo, & accidentes que mostrem mais enchimẽto que veneno, como saõ ser mancebo coroadado, grosso, bem mantido, as veas cheas, moderadamente exercitado, que sinta carregamento, ou extensaõ nos membros, quando estas cousas tiuer ou parte dellas, com boa força, & grãdeza de pulso se pode, & deue sangrar. (1598: 7v)

24

Em poucos casos a sangria não era recomendada:

E se for minino, & em idade que não se soffre sangrar, ou não parecendo vea, façase sarja no mesmo braço.
(1598, [8v])

E do dito se segue claramente, que se ao minino ao qual se não pode fazer sangria pollas razões ditas, se farão as sarjaduras a par pola mesma ordem que esta dito, nas sangrias pois tem as vezes dellas.
(1598, [9])

E ainda que os antigos vedarão geralmente a sangria de catorze annos abaxo, a experiẽcia nos tem mostrado que tres acima geralmente donde cumpre se pode fazer sangria como nesta enfermidade. E o mesmo entendemos que se pode fazer nas prenhes. Porque temos por certo que das sangrias que mais ordinariamente fazemos, não entenderão os que as vedarão que se deuião prohibir nas ditas pessoas.
(1598, [8])

5.2 O vocabulário para sintomas e medicamentos

A peste exteriorizava-se de forma visível no corpo dos doentes — os **enfermos**, **feridos**, **chagados** — por meio **postemas** ou **apostemas** ou **inflamações** (o abscesso), **carbúnculos** (“*pustula negra [...], ou cinzenta com vermelhidão escura, que empóla, & queima, o lugar, onde está*” - Bluteau), **inchaços** (“*bubão pestoso*” – Roque, 1979: 166), **nascidas** (“*nome genérico das inchações, tumores, & apostemas, que nascem no corpo, como buboens, carbunculos, parotidas, &c*” – Bluteau), **chagas**, além de **pintas vermelhas e pretas**.

O enfermo poderia apresentar ainda outros sinais: vômitos, desmaios, convulsões (“*grandes desassossegos, & com maneira de desmayo não sossegar em a cama, mudando se de hũa a outra parte*”), variação na pulsação (“*desassossegos do pulso*”), emagrecimento (“*ou se teuer adelgado ho rosto mais que a rezão da com diuersidade*”), palidez (“*quando tiuer a còr mudada*”) e febre (“*quentura na cabeça*”).

As **mezinhas** têm sua composição uma escala de medidas agora em desuso, mas explicada em outra obra médica pouco posterior, de Antônio Cruz (1661: 12)¹⁰: “*A libra [...] tem doze onças. A onça [...] tem oito dramas. A drama [...] tem tres escrupulos. O escrupulo [...] tem vinte quatro grãos. [...] A mão chea das ervas [...] Que he quanto se toca com hũa mão. O punho das sementes [...] Que he quanto se pòde tomar com tres dedos. A meia libra, ou meia onça, ou meia oitava, ou meio escrupulo se escreve assi β[...]*”.

Álvares & Salzedo empregam ainda o **adarme**, antiga medida espanhola, equivalente a 1/16 de uma onça.

5.3 A preparação da obra

A peste havia começado a grassar na Espanha em 1563, atingindo Sevilha antes de chegar a Lisboa (Rodrigues, 1990: 102). A prática em Sevilha conferiria experiência a Álvares e Salzedo no tratamento da enfermidade,

¹⁰ Um conversor dessas medidas para o sistema atual está disponível em <http://www.metas.com.mx/utilerias/convertidormasa.php>

experiência a que ambos fazem referência ao longo do texto: “*Verdade he que a experiencia nos tem amostrado na enfermidade, que estes dous annos andou em Seuihla [sic], que he a mesma que aqui corre*” (1598: [7v]). Ambos os médicos insistem na experiência já adquirida, que não decorria apenas dos autores que haviam lido: “*& isto entendemos assi do que auemos lido dos auctores, como o que a experiencia nos tem mostrado em Seuilha, & aqui*” (1598: [10v]).

Os dois médicos espanhóis deveriam apresentar o tratamento aos médicos de Lisboa: “*Y como el principal fin para que V. A. nos mãdo por sus Reales cartas venir fue, para que con los medicos desta Ciudad comunicassemos los remedios que este mal podria tener*” ([1580], 1^v; 1598: [1v]). E também, em reunião com eles, tirar suas dúvidas, para o que a autoridade sanitária municipal promoveu diversas audiências:

O Doctor Antonio Diaz Prouédor Mór da Saude, por el Rey nosso Senhor, com gram zelo do bem comum, & para que todos tiuessem noticia do modo que auião de tér na cura destas infirmidades: & nenhum caysse em error no remedio dellas, nos fez ajuntar muitas vezes cõ os Medicos para este proposito deputados, para que em sua presença se tomasse resolução por escripto nas duuidas que se offrescessem, & proposessem.
(1598: [15])

Chamados à “*casa del Doctor Antonio Diaz, prouedor mayor por V. A. de la salud, y en su presencia se mouieron, y determinaron las dudas que cada vno quiso mouer*” (1598: [1v]). As dúvidas foram as matérias que iriam à determinação:

E porque entre as duuidas que entre os medicos desta cidade se mouerão diante do Doctor Antonio Diaz Vereador, & Prouêdor Mòr da saude, foy o que toca à par donde nos parece se discidio bem esta materia, hira à determinação co todas as demais ao fim deste regimêto curatiuo
(1598, [11]).

que evitou o alongamento do tema numa das quatro partes iniciais: “*E nam se acabam de poer aqui outras particularidades de mais remedios, porque se poem nas duuidas que se nos moueram, donde està bem dicedido*” (1598, [13]).

O resultado dessas audiências ficou registrado ao final da obra no formato que lembra uma tomada de depoimento policial/judicial (Nascimento, 2007), em que os interlocutores são, de um lado, a autoridade sanitária de Lisboa, isto é, o Provedor-Mor da Saúde Antônio Dias, e quatro médicos de Lisboa escolhidos (“*para este proposito deputados*” 1598: [15]), a saber Pedro Palácios, Próspero Dias, Francisco Botelho e Rodrigo Ribeiro (1598: [2]) e, de outro, os dois médicos sevilhanos. Não é claro quem assumiu o papel de escrivão, mas não parece terem sido os médicos espanhóis, não só porque o texto está escrito em português e porque para o bem comum não deveria haver demora em sua divulgação — o que leva a especular que essa parte não foi traduzida —, mas principalmente porque Álvares e Salzedo reclamam do resultado final: “*E tendose em sua presença tomado resolução, não nos deu lugar para limar, & emendar o escripto, não soffrendo dilação em cousa que cumpre ao bem comum*” (1598: [15]).

As nove perguntas e respostas são passadas para o discurso indireto, antecedidas de subtítulo que documenta que a audiência teve a presença de uma autoridade constituída: “*As determinações das duuidas, que se propuseram ante o Doctor Antonio Diaz, Vereador, & Prouedor Mór da Saude*” (1598: [15v]). Na maioria das vezes não há verbo *dicendi* (*perguntar, inquirir* ou equivalente) expresso na dúvida apresentada, que tem início na conjunção *se*: “**SE** se vsarà de Triaga Magna, ou de Esmeraldas: & de bolo Armenico, & quando”; “**Se** depois de feita euacuação por sangria bastantemente, a parecer do Medico, **se** se purgarà o enfermo erradicatiua, ou minoratiuamente”.

As respostas começam com o verbo *determinar*, mas não na primeira pessoa do plural (*deteminamos*). Indeterminado o sujeito e face à queixa de que não puderam “*limar, & emendar o escripto*”, por “*mandado de pessoa tam graue*”, é possível conjecturar que foi de Antônio Dias a palavra final quanto à obra: “**Determinouse, que** parecendo sinal de maduração, se pode vsar o cauterio

actual, & profundo, que chegue ao lugar da materia, em todos os outros se faça como está respondido na quinta duuida”.

Ao final da última determinação a obra se encerra abruptamente, com a expressão latina “*Laus Deo*”, entre duas manchetes na edição de 1598.

A *Recopilaçam* é um apanhado do conhecimento médico então disponível sobre a peste. Dada a urgência da encomenda, seus autores não citam as autoridades médicas que dariam peso às suas propostas. E se justificam de não fazê-lo, como também se justificam de não exemplificar o sucesso dos tratamentos receitados com casos de que haviam tratado anteriormente (prática discursiva comum nos textos médicos da época):

Escusamonos de alegar autores, porque el que fuere exercitado enellos vera luego que lo que aqui dezimos va fundado em lo que ellos dexaron escripto. Y para los que no lo son mejor le esta la breuedad, y tampoco haze al caso de la cura contar cuêtos que nos ayan acaecido, porque las curas que han tenido buen sucesso por esta orden las auemos guiado (1598: [2]).

Deixam claro, porém, que detêm esse conhecimento tradicional e que têm autoridade para discordar dele, como mostram em alguns momentos do texto:

& isto he melhor para inuerno que para verão dado que para todo tempo ho louuam os authores. (1598, [7])

Verdade he que a experiencia nos tem amostrado na enfermidade, que estes dous annos andou em Seuilha, que he a mesma que aqui corre, & pollo que temos visto todo este tempo que ha que estamos aqui: que se pode tirar sangue com mais ousadia do que os authores nos permitê. (1598, [7v-8])

E assi concordão os que bem escreuem nesta materia, & tanto que ay quem encareça que a quem fizesse o contrario se lhe poderia imputar a morte do enfermo (1598, [8v])

Outra duuida se offerece nestas infirmidades, & he que auendo inchaço pestilencial, ou carbunculo no sobaco, ou virilha, & sobreuindo acometimêto de humor á cabeça, que fizesse hũa maneira de frenesi, ou catafora das que agora andão quasi vniuersalmente, se se fara sangria da vea da cabeça, & deitarão ventosas secas, ou cõ sarja nas espaldas, que saõ os remedios adequados, & encomêdados dos autores. Dizemos que em nenhũa maneira auendo inchaço na virilha, ou sobaco, se deue fazer sangria da vea da cabeça (1598, [9v])

E quando soccede he dos mais temerosos, & se se começa a confirmar escapão pouco delles, & isto entendemos assi do que auemos lido dos auctores, como o que a experiencia nos tem mostrado em Seuilha, & aqui. (1598: [10v])

E até mesmo que têm conhecimento bastante para serem pioneiros, ao tratarem de assuntos de que outros autores nada disseram:

Hum dos acontecimentos que podem dar trabalho, he quando se fere deste mal hũa prenhe da virilha de que parte se ha de sangrar, porque se he do artelho corre mais perigo de mouer, que não fazendose do braço, & se he do braço, os conueniêtes que acima estão ditos são grandes, & deixar de sangrala mayor que nenhum sendo em tempo, & em caso que tenha necessidade de sangria, & he esta mayor difficuldade por não estar determinada, nem tocada de autor nenhum que tenhamos visto dos que tratão esta materia, ainda que para isso não temos reuolto poucos.

(1598, [9-9v])

PARTE 2

A Edição

Apresenta-se a seguir uma edição semidiplomática do texto de 1598. Por seu caráter intermediário entre a edição diplomática e a edição modernizada, a edição semidiplomática permite algumas modificações no texto, como o desenvolvimento de abreviaturas (aqui assinaladas com sublinhado), a separação e a junção de sequências gráficas.

Não se manteve a distinção entre os formatos de <s> redondo e comprido. O emprego de <u> e de <v> não foi modernizado. Cada linha corresponde ao conteúdo da linha equivalente na edição de 1598.

Não há numeração de páginas no exemplar; assim, a numeração introduzida refere, primeiramente, a ordem das folhas, identificado o verso pela aposição de <v> ao número; em seguida, sublinhado, o número atribuído na internet à página virtual.

Mantiveram-se os títulos correntes de todas as páginas, aqui diferenciados com itálico. Introduziu-se também o negrito nos títulos.

Recopilaçam das cousas que conuem guardar se no modo de preseruar à Cidade de Lixboa. E os sãos, & curar os que esteuerem enfermos de Peste

RECOPILAÇAM

Das cousas que conuem guardarse,
no modo de preseruar à Cidade de
Lisboa. E os saõs, & curar os que esteue
5 rã enfermos de peste. Feita pellos Do
ctores, Thomas Alvarez, & Garcia de
Salzedo, vezinhos de Seuilla, & Medi
cos do Serenissimo Rey de Portugal,
10 Dom Sebastião Primeiro, nosso Se-
nhor : & dirigida à Sua Alteza.

Foy mandado imprimir a segũda im-
pressão, por mãdado da Cidade de Lisboa,
sendo Vereadores, os senhores, Manoel
15 Tellez Barreto, & Antonio Dagama, & Frã
cisco de Saa, & Fernão de Pina, Prouèdor
Mòr da Saude, & Bastião de Lucena Daze
uedo, Procurador da Cidade, & Gaspar Ro
20 driguez, & Luys Franco, & Francisco Ro
driguez, & Antonio Nobre, Procuradores
dos Mesteres.

Vendemse em a Rua Noua, em casa
de Sebastião Carualho.

25 Impresso
com licença
Anno

1598.

**SERENISSIMO, MUY ALTO,
Y muy poderoso Senhor.**

VISTO EL ZELO NASCIDO DEL

5 Christianissimo pecho de Vossa Alteza para el remedio deste mal de
 Peste que al presente anda enesta tan celebre, & insigne Ciudad
 de Lixboa, y que para ello Vossa Alteza nos mando venir desde Seuilla,
 nos dio animo para que no solamente viniessemos a meternos en
 10 peligro de estar en parte a donde segun lo que auemos leydo, y
 despues experimentado, sabemos se corre mais aun para visitar tanto numero de
 enfermos como en ella se nos ha offrescido, sin nos quedar, ni aun tiempo de des-
 cansar del gran trabajo. Y como el principal fin para que Vossa Alteza nos mando por sus
 Reales cartas venir fue, para que com los medicos desta Ciudad cōmunicassemos
 los remedios que este mal podria tener. Lo qual luego que por Don Martinho
 15 Pereira del consejo de Vossa Alteza. y veedor de su haziēda nos fuerō señalados, nos jun-
 tamos muchas vezes en casa del Doctor Antonio Diaz, Prouēdor mayor por
Vossa Alteza de la salud, y en su presencia se mouieron, y determinaron las d<u>das que cada
 vno quiso mouer. Y por auerse nos mandado diessemos por escripto lo que fuesse
 conueniente para remediar tanto daño, nos parecio hazer vna breue recopilaciō
 20 partida en quatro partes: la primera aduertir de algunas cosas necessarias para lo
 general desta Ciudad. La segunda, la orden que se tendra em curar los pobres, los
 desamparados, dellos lleuando los a las casas de la salud para ello diputadas. Y a
 los demas supliendo sus necessidades, las quales cosas dimos luego dētro de tres
 dias a Don Martinho Pereira, cuya orden Vossa Alteza por sus Reales cartas nos mãdo
 25 em todo seguiessemos. La tercera, es vna orden de preservarse los sanos deste mal.
 La quarta, la cura desta enfermedad. En las quales dos postreras partes, emos
 procurado de no dexar cosa de lo que bien escriuieron los que dello tractaron, an-
 tes añadiendo algunas particularidades muy necessarias para la cura fundadas en
 razon,y larga experiencia (como en ellas se podra ver) en lo qual no poco tra-
 30 bajo hemos tenido por la breuedad del tiempo,y el peligro de la tardança, y las
 ocupaciones del dia ha sido causa para que en horas hurtadas a nuestro reposo se
 vuisse cumplido con lo que desseuamos A.Vossa. Alteza humilmente supplicamos res-
 ciba este pequeño seruicio tomando en cuenta la intencion con que esto se ha tra-
 bajado que es de seruir a Vossa Alteza y assi lo fauorezca como cosa de sus criados, y man-
 35 dada hazer de parte de Vossa Alteza. El prouedor mayor de la salud quiso se trasuntasse,
 & imprimiesse em lengua Portuguesa. Y constando nos de su mucho cuydado, y
 zelo de administrar bien su cargo, aunque quisieramos se imprimiera en la lengua
que se escriuio venimos em ello. Plega a nuestro Señor haga tanto fructo como des-
 seamos,y guarde,y felicite la Real persona de Vossa Alteza con acrescentamiēto de Rey
 40 nos, y Señorios, en Lixboa. a 13. Dagosto de 1569. Años.

Criados de Vossa Alteza que sus Reales pies, y manos besan.
 ¶ **El Doctor Thomas Alvarez. Doctor Garcia de Salzedo Coronel.**

AL LECTOR.

LAS Faltas que en esta recopilacion vuiere, son dignas de perdon, como cosa hecha en muy breue tiempo, y muy ocupado, assi en visita de mucho numero de enfermos, desde dos de Agosto que llegamos a esta Ciudad, hasta doze del dicho que esto se acabo. En el qual se les leyo a los Doctores Medicos, Pedro de Palacios, & Prospero Diaz, Francisco Botelho, Rodrigo Ribeiro, hombres de grande erudiciõ, y experiencia, que nos fueron señalados para proponer las dudas que en la cura desta enfermedad se offrescieron, los quales la aprobaron. Algunos remedios para el beneficio deste mal encomẽdados por algunos de los que en la materia hãõ escripto dexamos, solo tomamos dellos los mas seguros, los mas prouechosos, y de nosotros mas experimentados, teniendo cuenta principal cõ las particularidades que en los enfermos de esta Ciudad hallamos, para remedio de lo qual se nos mando la escriuiessemos Escusamonos de alegar autores, porque el que fuere exercitado en ellos vera luego que lo que aqui dezimos va fundado en lo que ellos dexaron escripto. Y para los que no lo son mejor le esta la breuedad, y tampoco haze al caso de la cura contar cuẽtos que nos ayan acaecido, porque las curas que han tenido buen sucesso por esta orden las auemos guiado. IESV CHRISTO nuestro Señor que es verdadero dador de salud alumbre nuestros entendimiẽtos para que em profesion de tanta importãcia como es esta nuestra acertemos a seruirlo, ayudãdo a nuestros proximos, encaminandoles a la salud que se pretende.

A ordem que se deu do que conuinha al geral da Cidade pera preseruaçam, & cura desta enfermidade de Peste.

LOGO Como Dom Martinho Pereira do conselho de Vossa Alteza & veador de vossa fazẽda Nos mandou que nos juntassemos cõ os medicos assinados para tratar as duuidas que em a cura desta enfermidade se recrecessem, o posemos por obra, & o himos cõtinuando o mais que podemos, & tambẽ auemos visitado os enfermos que nos mãdou visitar, & outros muytos enfermos pobres da cidade, & porque para o remedio de tudo nos pareceo ser necessarias algũas cousas que consistẽ em a governãça as damos por escripto, porque assi nos mãdou que o fizessemos.

O primeiro he, que se de ordẽ como aja todas as prouisoẽs necessarias, assinada-mẽte bõ pão que não seja do mar, galinhas, frangãos, & perdigões: porque nesta infir-midade he necessario ceuar à virtude cõtinuamente cõ muyto bõ mantimẽto, & assi ha mester que aja abondãça, de maneira que o achem a cõprar todos os que o ouere mester E se para isso for necessario mãdar homẽs da cidade que os vão cõprar fora para prouimẽto, assi dos hospitaes, como da mais gẽte. E para isto nos parece que se deue mãdar dar prouisoẽs para que a estes homẽs não lhes impidãõ a entrada em nenhũ dos lugares nem à nenhũ outro que traga qualquer genero de prouisoã a esta cidade, & que lhes não seja feito agrauo, nem lhe impidam a passagem,

Da preseruação.

¶A limpeza das ruas, & praças, & partes publicas, he cousa muito importante: & para isto se faça diligencia, que por muita que seja, não sera demasiada, segundo o muito que importa, & antre outras cousas nos parece, que as immundicias que se costumão levar ao mar, seja de noite, ou de madrugada, a oras que não aja gente pola cidade, pola mayor impressão que recebe o ár, & a gente, sendo de dia.

Muito louvado he na fisica fazer fogos pollas ruas, & ao redor dos lugares, que estão ja tocados, & isto parece que vem mais ao proposito em Lisboa, polla muita humidade que tem, que he causa potissima desta infirmitade, & por serem as casas altas sem pateos, nem quintaes, as ruas estreitas, & por isto o Sol não faz tãta operação, & os ventos não as enxugão tanto. Podem se fazer os fogos de Alecrim, Zimbro, Cedro, Acipreste, Oliueyra, Esteua, Vides Pinho, Murta, & Aroeyra & todos os mais bõs cheiros que cada hum quizer deitar, assi dos comũs como polas menhãas ou aa boca de noite. E estas duas cousas são muyto louuadas em a fisica, assi pera ho remedio, como para a purificaçam¹¹ do ar, no qual consiste grã de parte da cura, & preseruação deste mal, porque como o ar corrupto he a causa delle, a sua retificação sera o remedio.

Assi mesmo se hão de mandar aos barbeiros & aos demais, em cujas casas ouuer sangrias, que logo acabado de sangrar mandem ho sangue ao mar, & o não tenham em casa nem aa porta pera o ver, como ho costumão fazer em outras infirmitades.

Nestes tempos encomendão muito os Medicos, que aja pouco exercicio que chegue a trabalho, como jogar a pela, & armas, & o que mais faz ao caso, & tirar todas as danças, bailos, & ajuntamentos dos negros, assi porque o exercicio (como està dito) he danoso, como pello mau cheiro que de si dão, & poque elles de si mesmos são mais prõptos a cair neste mal, & a todas as congregações de gente, se mandão vedar, quanto mais de tal gente. E não somente estes ajuntamentos nos parece se deuem tirar, mas ainda os nauios de negros que vierẽ de no-uo, estem em parte onde não chegue á communicação da Cidade, porque vê aparelhados a esta infirmitade por muitas causas. E porque a roupa frisada he a que mais embebe em si o ar, sera bom auisar aos que andarẽ entre os enfermos, vsem de outras roupas antes que destas, por mais seguridade de suas pessoas, & dos que communicão. O pão que se amassa de trigo do mar, não he são por seu mal cheiro: podese emendar, amassandoo com agoa cozida com erua doce, & tambẽ deitando a mesma erua doce no pão, porque com isto se retificarà parte do dano cõ a do mar: isto se entende pera os sãos.

Nam he bom que se venda carne que morresse, nem a que começar de cheirar mal, & o de seu mesmo os pescados: & assi em as partes que se venderẽ todos os mantimentos, se tenha grande cuydado da limpeza, de maneira, que não aja rasto de mau cheiro.

Tambem se deue de vedar, que não se vendão frutas danadas, nem começadas dapodrecer.

He bem

¹¹ No original, “purificação”.

E cura de peste.

He bom que aja muyta abundança de boa carne, de maneira que a todas as horas se ache, porque seja occasião que se coma menos pescado: porque nesta infirmitade o pescado por sua demasiada humidade he prohibido, especialmente o que se pesca perto das Cidades grandes onde comem muytas immundicias: porque estes se corrompem mais facilmente, & de pior corrupção o das outras partes que se ouuer de comer he melhor frito ou assado, que cozido, & sendo cozido sera com vinagre, & sem eruas.

Importa muyto que aja grande diligencia de enterrar os corpos dos defuntos, de maneira que nem em casa nem na ygreja aja dilação¹² na sepultura. E assi mesmo os corpos dos que padecerem por justiça, se lhes dee sepultura com breuidade, & muyto perto do lugar onde se executar a justiça. E se os curas não abastarem a tanto trabalho, se mande prouer mais clerigos que nisto entendam, porque oje vimos tres corpos que por falta de clerigos estavam por enterrar.

Da casa publica da mancebia resulta grandissimo danno, por muytas razões que para isso ha, & se poderão dizer querendo as ouuir.

Aos pobres que pedem pelas portas que forem chagados, sera acertado dar-lhes mantimento em algũa parte recolhidos, de maneira que não andem polla cidade porque com suas chagas não ay duuida senã que ajudará a danar mais o ar.

He necessario que aja grandissima diligencia, pera que nas casas onde se ouuerem ferido de tres pera cima se despejem, & cerrem, pera que não vsem delle os enfermos nem sãos, pelo tempo que se determinar, porque està claro que aquelle ar està mais danado que outro, & antes que se cerrem se fação fogos, & perfumes nas taes casas.

Os baños que ouuer na Cidade he bom tiralos neste tempo. Em a roupa dos feridos, ha de auer ordem na limpeza, & guarda pera que se possa aproueitar della sendo dalgum preço, & a que o não for se queime, & a boa lauarse ha muy bem primeyro na agoa do mar, especialmente na vazante, & depois em agua doce, & depois em agua, & vinagre.

A ordem que se ha de tẽr com os enfermos pobres, assi em as casas da saude, como em as particulares.

PARa remedio deste mal nos parece que aja dous Ospitaes aos dous estremos da Cidade, casas grandes, & airosas, & podendo ser baixas antes que altas em que aja muytos aposentos onde estem repartidos.

Os homens que ham de leuar os enfermos sejam vestidos de cor sinalada, & de bocaxim¹³, & a cadeyra, ou leito em que os leuarem com sua cortina do mesmo, & estem prestes assi os homens como a cadeyra em parte onde se achem facilmente, & se comuniquem pouco porque não se inficionem com o ar delle.

Que por estar o mal tam estendido, nam seja ninguem apremiado a yr per força ao hospital, senão o que de sua vontade quizer yr, porque se siguiraa que nin-

A3 quem

¹² Demora.

¹³ Segundo Houaiss, bocaxim ou bocassim era “antigo tecido de algodão encorpado, que servia para forrar trabalhos de tapeçaria, cortinados etc. e era usado como divisória de ambientes”.

Da preseruação,

guem encubra o mal (como se tem visto por experiência encobrillo) por não yr ao hospital, & por esta causa morrer.

5 Que recebão cõ facilidade os enfermos que quizerem yr, porque os pobres, & desemparrados nam ham de ter que os solicite, & porque a infirmitade requiere os beneficios com o tempo & se vam tarde he muy difficultoso o remedio, & o mo uimento sobre fraqueza he occasiam de morrer mais asinha.

10 Que em cada hospital aja apartamento pera curar os escrauos a custa de seus donos, porque não se corrompa mais o ar com o mao cheiro repartido pollo pouo. E pois que nam podem estar todos os enfermos juntos, tenha se conta que es- tem a parte os que forem mais feridos.

Que se leuem aos hospitaes as camas dos feridos que la forem, assi liures como escrauos: tendose ja deytado nellas depois de feridos, pera menos custa dos hospitaes, & porque aja menos roupa repartida pelo pouo.

15 Que se busquem pera administradores pessoas Religiosas, charitatiuas, diligentes & de bom gouerno, pera que dem ordem que os officiaes fação nos hospitaes seus officios como cumpre.

20 Que aja em cada hospital quem administre os Sacramentos em entrando os enfermos, pellos inconuenientes que depois socedem, como por tirarse a fala ou o juyzo & polos vomitos que este mal traz, que nam sera decente receber o Sancto Sacramento com elles.

25 E se eleja pera cada hospital medico, & cirurgião, & se o medico souber de cirurgia sera melhor, & enfermeiros: & podendo auer algũs dos que praticam cirurgia no hospital del Rey sera melhor por o que ja entendem, & que a estes se lhes encarregue muyto a charidade, & diligencia: & nam sayam de casa, assi porque nam se alonguem da cura dos enfermos, como porque nam se apeguem os ares delles aos sãos de fora.

30 Assi estes com todos os mais officiaes dos hospitaes, se perseuerem, assi no comer, como no vestido, como no vso das mezinhas que se dirão, assi porque se faça o que he necessario com os enfermos, & se vse de charidade com elles, como porque se morrerem algũs destes nam se guardando, fugiram os outros de seruir nos hospitaes & os enfermos ficaram sem remedio.

35 Que aja aposento a parte para os cõualecentes, ao qual vão nuus de toda a roupa que antes tinhão no hospital, & que a sua que antes tinhão, se lhes torne lauada antes tres ou quatro vezes, & a derradeira em agoa, & vinagre & no cabo se fara hum cozimento de murta, aroeyra, acipreste, & zimbro em agoa, & misturado com vinagre, se lance sobre um tijolo feito brasa ao fogo & perfumando com o bafo a roupa. E os mesmos que ham de passar ao aposento dos conualecentes, se passem onde se ham de reger como conualecentes, porque acontece muytas vezes depois de liures da infirmitade por ficarse entre os enfermos, tornarse a ferir de nouo, & perigar.

40 Com os defuntos dos hospitaes se ha de ter esta ordem, que este feita hũa coua muy

E cura da peste.

ua muy alta, & comprida pera todos os corpos, na qual em morrendo o enfermo, o enuolção no lançol, ou manta em que morrer, & deytandolhe cal primeiro, & logo terra encima, seja muyto calçado, porque nam saya mao vapor, porque depois de Deos, na retificação do ar, & em estoruar que não se corrompa, consiste o remedio deste mal.

5

E porque qualquer medo dana muyto nesta infirmitade seria conueniente, que quando o onfermo estiuer muyto propinquo a morte, o tirem logo de antre os outros, porque o nam vejam morrer.

10

Importa muyto que nos lugares donde necessariamente ha de auer muyta gente como he nas cadeas, galees, em sendo ferido alguém, o carcereiro que tiuer cõta com elles, logo o mande a parte que para a cura de tal gente for assinada, porque não peguem aos outros saõs.

15

E nos mosteiros, & casas de religião, assi frades, como freiras, tenham seus mayores cuydado de tirar de casa aos que forem feridos, & poelos em a mais apartada parte de conuersaçam de toda a casa, & fora da enfermaria ordinaria, & que a estes curem algũs religiosos, ou religiosas dos mais velhos, & de compreçam fria, & seca, & se preseruem, & escusem a conuersaçam da casa.

20

Ha muytos enfermos pobres na cidade que tem necessidade de ajuda, & tem suas casinhas em que podem estar, seria bom que pera estes se mandasse dar salario a algũs medicos, a cujo carrego estiuessem repartidas as freguesias, & que estes medicos cada hum com seu religioso visitasse os pobres, & que por suas receptas assinadas pello medico, & religioso se lhe pagassem aos boticairos as mezinhas que por ellas derem.

25

E sendo tanta a necessidade, que se lhes de mantimento competente por amor de Deos, porque como auemos visitado muytos enfermos, temos visto muytos com extrema necessidade de todo beneficio

30

E sobretudo pedimos se mande poer grande diligencia , em que aja prouisoões abastantes, porque entre os enfermos (que temos visto algũs) nos tem certificado que por nenhum dinheiro achão frangãos nem galinhas, & nisto vay muyto, porque esta infirmitade se remedeia com comer bom mantimentos, & a falta delles he hum dos mayores danos que ha na cura della.

35

40

(~)

REGIMENTO PRESERVATIVO
Contra o mal da peste.

Presuposto o que temos dito em geral na retificação do ar da Cidade em o apontamento que se deu, para a emenda dele, he necessario em particular que pela manhã não se abram as janelas até o sol leuado, nem se saia de casa, até duas horas depois de sahido, & entam sera bom que estando a casa muy limpa, se ague com vinagre, & agoa, auendo calma. E se for o aposento principal, & se barrufar com agoa rosada, & vinagre, partes ygoaes, isto sera melhor. Tambem se pode fazer isto com hum pedaço de pano de linho, posto a maneira de bandeira em hum pao, & molhando as vezes que ouuer calma no dito vinagre, & agoa, fazendo vento com elle. E em tempo de inuerno se barrufe com vinho cheyroso em que seja cozido hũ pouco de beijoy, & cascas de cidras, & isto coza tapada a boca da vasilha, & com fogo manso, & no aposento onde se ouuer de estar algũa caçoula feita de beijoy, & cascas de cidras, estoraque, & hũa peque na algalia, em agoa de flor para o inuerno. E em verão com agoa rosada, & acrescentando rosas secas, & isto ha de estar ao fogo manso continuamente, de maneira que saia hum vapor suaue, & cheiroso.

O aposento he melhor o que tiuer as janelas ao norte, & isto não poder ser, seja ao ponente, & não as auendo desta maneira, estem cerradas as janelas. Em tempo de inuerno, & em dia frio, & claro, se podem abrir as janelas ao meyo dia, a horas que entre o sol & purifique os aposentos, & casas.

Assi mesmo se façam fogos de noyte, & menhãa, em verão na parte da casa onde mais se communique aos outros aposentos. E toda a lenha seja de bom cheyro, como acipreste, zimbro alecrim, murta, oliueira, loureiro, vides, podese lhe yr deitando perfume de bom cheiro, quando se acabar a chama. E de inuerno se podem fazer estes fogos a todas as horas.

Sera bom que em verão estem os aposentos enramados com eruas, & ramos de bom cheyro, & em inuerno com aruda, poejo, & manjarona, ortelãa, mentrostos, erua cidreira. Tambem se podem ter fruytas, como marmelos, camoesas, peros de bom cheiro, cidras, limões, laranjas, zamboas, & toda fruita despinho.

He bõ trazer de contino hũa poma na mão em tẽpo quẽte feita desta maneira Os tres Sandalos, rosas, folhas de murta, flor de golfão, frol de violetas, almizcre, ambre, algalia, desatado em agua rosada, & cõ laudano purissimo, & tormõtina de abiete mui lauada cõ agua rosada, & com isto se fação pomas para trazer. E para tẽpo frio se pode fazer de estoraque, linaloe, canela finissima, noz noscada, beijui de boninas, ambre, almizcre, algalia, & tudo isto desatado em vinho brãco, verme lho fino, & se farão as pomas cõ a tromõtina lauada cõ agua rosada, & cõ o laudano. Destas mesmas cousas de que se hão fazer as pomas se poderão fazer hũs saquinhos de tafetã carmesi, para por sobre o coração, & esta temos por melhor retificação do coração, que a que se aconselha do solimã¹⁴.

O que

¹⁴ Segundo Houaiss, “sublimado corrosivo”, isto é, “substância corrosiva com a qual são fabricados compostos de mercúrio, us. em medicina”.

E cura da peste.

O que toca ao comer, & beber para a preseruaçam, todos os mantimentos secos sam mais louados que os outros.

Do pão, como he mantimento que mais se vsa, se tenha principal conta que seja de bom trigo nam velho, nẽ de couas, nem furado, nem de mao cheiro, & escolhido de toda outra semente. O pão de calo¹⁵ souado com erua doce, he melhor que o molete, & quem gostar mais do biscouto, ou rosquilhas sam milhores, não seja o pão duro, nem quente, & cozase com boa lenha, & amassado com boa agua.

Das carnes as de monte sam as milhores com duas condições: à hũa, que não seja a res velha senam que este em idade de crecer, & que seja no tempo do anno em que tem vez que he quando tem o pasto de que se mantem em abundança, & destas todas as que se vsam comer sam boas. E a de veado, porco montes nouo saõ, mais louuadas principalmente em conserua. Das domesticas sam boas carneiro, vitela, cabrito, de mais idade hum pouco do que se costuma comer com tanto que não tenha cheiro de seu pai, & não se comão as partes gordas nem tutanos sejam antes assadas, que cozidas, como todas demais carnes.

Tambem se pode comer de hum lacão¹⁶ com que não seja da parte gorda, & seja pelado o porco sem agua quente, não seja muy salgado, porque não obrigue a beuer demasiado que he danoso.

As aues sam boas as do campo em tempo que tem sazão, como perdigões, per dizes, rolas, Pombinhos, passarinhos, melras, Estorninhos, tordos, Codornizes, & das caseiras sam boas, galinhas, frangãos, capões, pauões das Indias, & os frangãos dos pauões reaes, presuposto que não se ha de comer a grossura destas aues.

Todas as carnes, assi aues como essoutras sam melhores assadas que nam cozidas, mas auẽdose de comer cozidas em verão se deitara a cozer com ellas azedas agraço, & em seu lugar vinagre, & deitandose agro de Cidras, ou çumo de limão ceitil sera melhor em inuerno, se podem deitar as cousas acima ditas com a acrecentar ortelã, & as especias¹⁷ que ordinariamente se costuma deitar em os guisados, & hum pouco de alho.

Destas carnes as mais duras serão ao proposito preseruatiuo, deitadas em adubo¹⁸ hum ou dous dias primeiro o qual se pode fazer de ouregam, & pouco alho, & sal, & vinagre forte, & hũas talhadas de limões, & em inuerno lhe deitem crauo, & hum pouco de gengiure.

Os pescados geralmente saõ condenados nesta materia de preseruação por da nosos & mais os de rio que os do mar, & dos do mar saõ menos danosos os que se tomão em rochedo, & os milhores sam os mais enxutos de carne como sam Aranhas, Salmonetes, Linguados, Azeuias, pescada, & qualquer outro de carne enxuta que nesta terra se tem experiencia ser bom com que não seja pescado dentro de hũa legua de Lixboa polas inmũdicias de que se mantẽ. Estes auendose de comer seram milhores assados, ou fritos em pouco, & bõ azeite, & deitados em escabeche ou passados depois de fritos por vinagre feruido com crauo.

A5

Os ouos

¹⁵ “Pão muito amassado e de massa mui testa, que partido não mostra olhos” (Domingos Vieira, Apud Fernandes, 2002: 143).

¹⁶ Perna do porco, em especial sua parte redonda.

¹⁷ Espécias ou especiarias.

¹⁸ Tempero.

Da preseruação

Os ovos de galinha frescos são de bom mantimento assados, ou cozidos em agoa com a casca, de modo que de hũa maneira, ou de outra sejam moles, ou passados por agoa com agraço, ou vinagre, ou çumo de limão.

Toda cousa de leyte he muito danosa soffrese comer algum pouco queijo velho do muito bom dalentejo.

As frutas verdes todas as mais as defendem os autores, excepto ginjas, romãs, abrunhos, marmelos, peras, peros, camoesas, laranjas agras, são louuadas, ou as bicaes.

Das frutas secas, são boas passas de toda sorte, figos passados, auelãs, nozes, amendoas, & se começar a comida com figos passados, recheos com nozes, & erua doce em inuerno, sera acertado, & as alcaparras às ceas por selada, são muy encomendadas para esta materia.

Dos legumes, & eruas as azedas na selada, ou cozidas com a carne, borragens, sarralhas, & escabiosa se podem vsar. Lentilhas são muy louuadas cozidas com agraço, ou vinagre.

Tenhase por auiso que diuersidade de manjares hũa mesa, ou guisados com diuersidade de cousas, como manjar branco, miraustre¹⁹, tigeladas, pasteis de todas maneiras, & finalmente misturas de comida, são danosas, o assado he o milho, & logo o cozido com has condições ditas.

A quantidade de comida seja de maneira que o estamago a possa muy bem gastar, & não lhe de fastio, & que estè primeiro a comida bem gastada. Milhor he declinar a pouco comer que muyto, com que não seja tam pouco que se enfra queça a força.

Todas as cousas doces, assi conserua, como outras daçucres, & mel, não são proueitosas nesta materia ainda que as cousas que de seu são boas não se podem guardar se não conseruandose, como são marmelos, peras, ginjas, & os çumos agros como de cidras, agraço, limão, camoesas, peros cheirosos de todas estas cousas se podem vsar, não por doces senão por ser contrairas ao mal da peste.

As cousas vntuosas, & de grossura, & azeites são danosas, ainda que sejam em pouca quantidade, porque os manjares que as leuão tambem se mandão deixar.

No que toca ao beuer para preseruação deste mal he bom, que o que tem de costume beuer vinho, & os velhos que o não tiuerem o beuerão moderadamente aguado conforme a força do vinho às oras das comidas. Porque como pretende mos ter a virtude fortificada, & com auõdança de spiritus he escusar o medo, & que o medo não faça assento. A todas estas cousas ajuda, o moderado vso do vinho. Nos moços de idade até dezoito annos de qualquer maneira, & dahi para cima ate a velhice, se não tem costume de o beuer, temos por mais saudauel não o beuer, principalmente nesta terra, & na infirmitade que corre. E mais do vinho que mais ordinariamente se beue, que he vermelho, ou tinto, o qual he muy pro pinguo a natureza do sangue. E as infirmitade que agora correm todas as mais tocam, & tem damno no sangue.

O vinho

¹⁹ Compota.

E cura da peste.

O vinho nos parece sera mais saõ ao proposito de preseruação branco, dourado, de cor de casca de cidra, & que seja de dous annos & dahi pera cima, cheiroso, & sê gesso²⁰, sendo possiuel sem que tenha repõta de madre²¹, nem agro, nem outro mao sabor, agoado mea hora ante de comer, & que se beua frio moderadamente em inuerno como esteuer, & em verão, quanto cada hum soffrer.

Os que nã tẽ costume de beuer vinho senão agoa, sera bõ que a busquẽ boa, & para isto he de cõsiderar que seja de fonte conhecida, ou de bõ rio que corra muito, & para se por terra limpa, & areosa, cujo peixe tenham por bõ os moradores ao redor, & que se tome a agoa do rio acima do pouo, depois de saydo o sol, cõ tal, que no dito rio nam seja metido a cortir linho, canamo, ou esparto, nem cousas nesta qualidade. Toda a agoa de poço nos parece que se deue escusar, & quando se nam poder deyxar de vsar della, se coza sendo em inuerno com canela, ou erua doce, ou cra uos, & em verão, cõ azedas, ou semente dellas, ou se lhe deite hũ pouco de vina-gre, ajuda também a retificação da agoa, ou vinho que se ouuer de beuer, apagar na agoa ou no vinho hũa lamina ou barra douro ardiendo.

No dormir, ou velar vay muito que aja moderação no hũ, & no outro, porque o velar demasiado resolue os espiritus, & virtude, & o demasiado sono humedece de tal arte, multiplicãdo humidades, que despõe os corpos para receber infeição pesti lête. Seja pois o sono moderado, antes de crine à menos do acostumado, que a mais Principalmente nos que saõ grossos, & os que tẽ muitas superfluidades, seja depois de cea hũa, ou duas horas, senão for nos que tẽ costume perder o sono por não dor mir logo despues de cea, seja o sono de noite em aposento bem guardado do sere no, & aja nelle bõ cheiro, como de hũ tachinho de perfumes, ou tẽdo pẽdurado frutas cheirosas, ou tẽdo hũa almofadinha chea de rosas secas, & algũs outros cheiros em lugar de lãa, como se costuma fazer para os mimosos²². O sono depois de comer he danoso, senão for muy acostumado, ou auendo faltado na noite, & o que for seja em aposento escuro, & cheiroso (como està dito) co tãto que não seja o aposento muy frio, nem muito humido no verão, & em inuerno seja em alto.

No que toca ao exercicio, ainda que em regimẽto de saude seja muy louuado, neste tẽpo se ha de vsar cõ mais moderação, seja antes de comer, & depois de ter despejado o ventre, & a bexiga. A quãtidade seja algũa cousa menos do ordinario, por que como dano deste mal he o ar corrupto com o muito exercicio se acrecenta a necessidade de entrar ar de fora no corpo para dar refrigerio. E como este està venenoso, he necessario escusalo quanto seja possiuel, & soffrese menos exercicio, porque comendo (como està dito) menos, & mantimentos mais enxutos, auera menos superfluidades, & poderá escusarse o muito exercicio, & sera bem que seja em aposento bem cheiroso, & cerrado, que nam entra ar do danado, nem sa-ya o outro ate acabado o exercicio, & tornado a quietar o folego. E aconselhamos a pregadores, lectores, & cantores, que se exercitam dando vozes, que escussem encederse muito, & muito mais quando se isto faz em congregação de muita gente, como he pola mayor parte.

He con.

²⁰ *Wikipedia*, verbete Vinho: “várias fontes gregas, bem como Plínio o Velho, descrevem como os antigos gregos utilizavam gesso parcialmente desidratado antes da fermentação e um tipo de cal após aquela com o propósito de diminuir a acidez”.

²¹ Massa de resíduos do vinho que se acumula no fundo do recipiente.

²² Delicados, fracos.

Da preseruação,

He conselho neste tempo, & que nam pouco importa escusarse de yra, nojo, tri steza, & demasiada congoxa ²³, & cuydado, & sobre tudo de medo desta infirmitade, de ouuir maos acontecimentos de là ao menos ditos de supito, tomar alegria moderada, entretenimiento de boas conuersações, algũs jogos de passatempo, que o preço perdido ou ganhado não de pena. Ouuir, & ler historias apraziueis. E nã lidas cõ tãta pressa, que cãsem, & apresure o folego saõ cousas que se deve vsar. E assi trazer vestidos que alegrẽ, limpos, & cheirosos. E que se mudẽ se forẽ de seda rasa me lhor que de outra cousa, & que andar no ar inficionado nam traga frisado. O trazer pe dras preciosas, principalmente Esmeraldas, & lacintos, & trazendose que toquẽ aa carne sam melhores.

A conuersaçam de molheres he vedada neste tempo, & com rezam.

Os que tiuerem euacuações acostumadas, como camaras²⁴, fluxo dalmorreimas²⁵, molheres, que algũa cousa demasiado lhes vẽ sua purgação, co tal que as não debilita muyto, ou tiuerẽ gota, ou sarna, ou o que tiuer corrimẽto a mẽbro ignoble, ou cha-ga velha, ou fonte, estes tais não se tirẽ estas euacuações, senã deixemse passar sem curarse neste tempo. Porque não os assegura pouco deste mal qualquer destas indisposições, antes os escusa dalgũas euacuações, que sam necessarias para perseruaçam do mal.

Tenhase cõta em despedir as superfluidades, porque não esta a cousa mais louua da na fisica, que ter os corpos limpos dellas, porque saõ a materia em que se encẽde este fogo, & pera remediar isto, & alimpar os corpos, saõ bẽ louuadas, & bẽ antiguas as piloras que nomeão de rasis²⁶, porque alẽ de limpar o corpo os materiaes de que se cõ põe preseuão os corpos de putrefação, o qual claramẽte se vè nos corpos mortos que se embalsamão. Tomẽ se em inuerno, & os corpos não quẽtes ao pè da letra como ellas estão, & em estio, & para corpos quẽtes teriamos por bom conselho acrescẽtarlhe a quinta ou sexta parte de bolo armenico, & formalas cõ enxarope de agro de cidras, a quantidade que he bẽ tomar dellas em regimẽto de saude, he o mais ordinario, como meya dragma ao terceiro dia, ou quarta, segũdo a necessidade ouuer de euacuação & a brandura de vẽtre de quẽ as toma, que nisto não se pode limitar regra certa, a melhor hora de tomalas he pola menhã, & não tẽ necessidade de guardarse. Tambẽ se tenha conta que as superfluydades acostumadas a euacuar polas narizes, & escarrãdo do peito, & por ourina se façam, & entre as outras cousas aproueitara muyto fregar polas manhãs as partes dõde soem estas nascidas²⁷ sair, cõ hũ pouco de vinho branco velho cheiroso, & deitandolhe hũ pouco de almizcre ou algalia sera melhor, & quẽte o vinho, porque por ali aos mẽbros principaes estão os poros muy abertos, & assi como a natureza se descarrega, deitando ali o mao, recebe proueito da conuersação do bom cheiro.

Tambem nos parece que algũas vezes, & cõ as condições que ha de auer para a preseruação tirar sangue, & não tam ordinario como aqui se faz quadra bem em quẽ tinha o costume de sangrarse, & faltou nisso, a quẽ falta assi mesmo euacuação de sangue por mestruo, ou almorreimas, ou quẽ era acostumado padecer infirmitade,

²³ Ansiedade.

²⁴ Fluxo do ventre.

²⁵ Almorreimas ou hemorroidas.

²⁶ Do nome de Razis ou Al-Raze, Muhammad ibn Zakariyā Rāzī (ca. 865-925), médico persa.

²⁷ Abscesso.

E cura da peste.

midade, ou de gota, ou de outra semelhãte enfermidade de sangue, & ha dias que lhe não veo, ou o que estaua acostumado a algũ exercicio, & de pouco antes lhe falta, ou que tem sinaes de enchimẽto de sangue: como saõ sentirse pesado, ou carregado o corpo esquentando com dor nos membros, ou tem comido muito bom mantimẽto, & bebido vinho aloque²⁸ muito tinto, ou que lhe parece que não po de bem cerrar as mãos, & o que fazẽdo hum pouco de exercicio se sente pesado & o que sonha que leua peso, ou que quer fazer agũa cousa, & não pode, ou ho que he muy corado que parece ter quantidade de sangue a estes tais conuem a sangria. E se podẽ sangrar em o crecẽte da Lũa das dua veas da arca. E sendo a quẽ tenha faltado algũa das purgações ditas, ou tiuer ja algũa chaga ou fonte em per na que se lhe tenha cerrado, ou se teue gota em os pes, & faltandolhe neste tempo seram as sangrias em os pés.

Não somente he mester escusar ho dano do contagio, cõ tirar as cousas danosas para a preseruação desta infirmidade, mas vsar de cousas que fortifiquẽ as virtudes, & tenham propriedade contra o mal. Entre ellas a mais antigamente louuada he a Triaga a qual se pode, & deue tomar em inuerno atẽ quantidade de hum adarme, & atẽ dous aos de catorze annos para cima, & para os mininos, he mais apropiada a Triaga de esmeraldas tomada em quantidade hum escrupulo, sendo de atẽ tres annos, & dahi para cima atẽ chegar a hũa dragma. Em verão sera bom to mar hum pouco de bolo armenico²⁹ atẽ em quantidade de mea dragma em hũ ouo fresco assado, ou com agua de azedas, ou rosada.

Entre as outras cousas em a fisica mais louuada, & que mais seguramente se po de tomar em a quantidade que quiserem, & com ser mezinha he mãjar, he hũa mistura de figos passados, & nozes, folhas de arruda com um piqueno de sal, & he tão virtuoso que lhe quiseram chamar Triaga: & para isto se pode fazer que como os figos se acostuma de arrechiar com amendoas em lugar das amendoas se faça com pernas de nozes, & com arruda, & sal que esta dito, & isto he melhor para inuerno que para verão dado que para todo tempo ho louuam os authores. Assi mesmo os pos da raiz da tromẽtina, ou sete em rama, ou a pinpinela peso de hũa dragma tomados pola manhã com agua dazedas he remedio mui conueniẽte, po dese tambem tomar estes pos em algum ouo fresco, & comer com elles, ou despois delles algũa cousa de boa sustãcia em pouca quantidade, porque he muy conueniente desjejũarse pollas menhãas com algũa cousa de boa sustãcia que faça contra este mal, & quem não tem costume de almoçar, tome em verão hũa sopa de çumo de agraço, ou de hũa laranja agra, ou ginjas, & em inuerno abastalhe os figos. Tãbem se pode fazer pera os mais delicados, & poderosos, hũas talhadas per poluoras³⁰ cordiaes³¹ de triasandalos³² de diamargariton³³ frio, pos de pepitas de cidra de rays de sete em rama, de aljofar preparado de semẽte de rosas azedas de bo lo armenico, & os que quiserem que se lhe acrecente pedra bazar, sera mais ao proposito. Destes poos sejião as quãtidades yguaes, excepto ho bazar que sera muy to menos dos outros, mais ou menos, como a arte de botica ho insina, & cõ açu-
crê

²⁸ Vinho aloque é um tipo de vinho tinto de mesa espanhol.

²⁹ Bluteau (1712-1728: II, 145): “Bolo Armenio he hum torrãosinho, ou pedaço de terra crassa, & pesada, & de huma cor, que tira a vermelho. Tirase de humas cavernas de Cappadocia, confinantes com a Armenia, donde tomou o nome. O legitimo bolo Armenio he aromatico, friavel, brando, sem area, & mastigado se derrete na boca, como manteiga. O que os mercadores falsifiaõ, não tem estas calidades”.

³⁰ Pós..

³¹ Que alegram o coração (Bluteu, 1712-1728: VIII, 468)

³² De *diatrium sandalorum*, segundo Bluteu (1712-1728: VIII, 468), feito dos três sândalos e “he soberano remedio contra as febres podres”.

³³ Mascarenhas Valdez (1864:II, 152), “antidoto feito principalmente de perola”.

Modo cratiuo.

cre finissimo se poderà fazer lectuario³⁴ ou talhadas de peso, cada hũa de duas ou tres dragmas.

Soemos vsar de hũa cõserua de çumo de agraço, & a chamamos gelea de agraço: esta para colericos, & em verãos, & pera preseruação deste mal a temos por muy boa. O modo de fazerse he facil, porque tomão yguaes partes de çumo de agraço, & açucre muy aluo, & fazse ao modo de marmelada, & se tẽ em cayxas, tomã do hũa talhada polas menhãas cõ beber qualquer agoa das cordiaes, ou boa de fonte, sera bom pera tomar em jejum.

10 **MODO CVRATIVO**

A Ordem que em à cura desta enfermidade nos parece se deue de ter (someten donos à melhor juizo) he que com à mayor breuidade posiuel se tire sangue. Porque como he enfermidade muy breue, & peligrosissima, & de seu mortal: he necessario ò remedio seja muy breue porque se passa logo á oportunidade delle. E por ser tam peçonhenta, enfraquece, & derriba à virtude, de tal maneira que começada à derribar, não tã somente a sangria não faz proueito, mas eh occasião de morrer mais asinha ó paciẽte. Pello qual muytos dos que melhor escreuem, quiserão que despois de vinte, & quatro horas não se fizesse sangria. E isto nos parece que não se tome tão precisa a limitação do tempo que seja occasiam que algũs deixem de fazer o beneficio da sangria tã necessaria neste mal, & nesta Cidade de Lixboa. E assi he nosso parecer: que não se tendo sangrado abastãmente, antes ao tempo que os que escreuem sinalam, & temos dito, tendo forças ho tal enfermo, & accidentes que mostrem mais enchimẽto que veneno, como saõ ser mancebo coroadado, grosso, bem mantido, as veas cheas, moderadamente exercitado, que sinta carregamento, ou extensaõ nos membros, quando estas cousas tiuer ou parte dellas, com boa força, & grãdeza de pulso se pode, & deue sangrar. Hos sinaes do veneno saõ vomito de colera verde, grandes desassossegos, & com maneira de desmayo não sossegar em a cama, mudando se de hũa a outra parte, quando tiuer a cõr mudada, ou se teuer adelgaçado ho rosto mais que a rezão da com diuersidade, & desassossego do pulso. Quãdo estas cousas ouuer, não sòmẽte despois das vinte, & quatro horas, mas antes se deue estoruar a sangria, mas como quer que seja ho que parecer conuiniente se faça.

Em o que toca a limitar a quantidade que se ha de tirar de sangue, não se pode determinar por palaura nem por escripto, porque isto soo faz coniecturauel a facultade de medicina³⁵ que em outras cousas he certa. Mas auisese que querem os authores que o que se ouuer de tirar, he mais seguro em muytas vezes que em hũa, como seja dentro do tempo conuiniente. Verdade he a que a experiencia nos tem amostrado na enfermidade, que estes dous annos andou em Seui Iha³⁶, que he a mesma que aqui corre, & pollo que temos visto todo este tempo que ha que estamos aqui: que se pode tirar sangue com mais ousadia do que os au-

³⁴ *Electuário* é um medicamento com muitos ingredientes escolhidos para purgar (Mascarenhas Valdez (1864:II, 20); Bluteau, 1712-1728: III, 21).

³⁵ No original, "medicida".

³⁶ No original, "Seuihla".

Modo curatiuo.

os authores nos permitẽ. Ajudase isto ser a regiãõ tẽperada, os mantimentos de muyta sustancia, & este mal trauar mais em humores quẽtes, assinaladamente no sangue. E assi o mostram as postemas que saõ, que testificãõ auer inflamação nas partes interiores, ho qual quasi sempre he de sangue. E muyto mais se nos confirma esta opiniãõ por auer visitado muyta copia de enfermos, assi dos moesteiros como outras muytas gentes por toda a Cidade, nos quaes sempre parecẽ de grande auondança, & infeção no sangue. E ainda que os antigos vedarãõ geralmente a sangria de catorze annos abaxo, a experiẽcia nos tem mostrado que tres acima geralmente donde cumpre se pode fazer nas prenhes. Porque temos por certo que das sangrias que mais ordinariamente fazemos, nãõ entenderãõ os que as vedarãõ que se deuiãõ prohibir nas ditas pessoas. Sendo a dor muy grande se podem adiantar em tirar mais sangue auendo constancia de virtude, & tendo grande atençaõ a nãõ mudar vea, posto que se requeiram tres ou quatro ou mais sangrias: porque todas as que aos medicos parecer ser necessarias se podem fazer liurementemente da mesma vea, & lugar que abayxo se declara. E encarregamos a consciencia a todos os que o hã de exercitar que nisto nãõ aja falta: & o instar tanto nisto, nos obriga ter visto o contrayro em muytos dos enfermos que temos visitado, & o temos por muy certo dãõ. O primeyro porque o principal que o medico he obrigado fazer, he imitar, & ajudar a natureza, & isto he mais necessario quando estãõ algũa cousa debilitada, & peleja com tan brauo enemigo, & nesta infirmitade de peste nãõ pode louuar de forte, porque poucas vezes deixa destar fraca. Porque o ar que he, de donde ha de tomar refrigerio o oraçãõ, & os spiritus sempre o offende em algũa maneyra por estar inficionado. E ainda que os homẽs andem saõs quando vem a cair, ja estãõ maltratados, posto que entõces se manifesta o danno. Bem assi como agora que caindo na pedra ainda que desda primeyra gota que cae começa a fazer impressãõ, & sempre a faz, nem por isso se deixa ver este effecto, atẽ que aja nella notauelmente cauado. Assi o danno que faz o ar nãõ se manifesta atẽ que tem feita notauel impressãõ. Como claro parece do homem que saindo do ar inficionado ao liure passa algũs dias sem enfermar, & depois enferma deste mal, cousa certa que o ar liure nãõ lhe causou o danno, se nãõ a infeção que trazia da parte inficionada de donde sayo. E por isto se manda em fisica que o que vier de donde ay peste o nãõ recebam atẽ passados trinta dias. E para a debilitaçãõ he potissima occasiãõ o medo que a gente ordinariamente tem em semelhante tempo, o qual consume os spiritus vitaes. Pois que tãõ brauo enemigo seja esta infirmitade, claro no lo mostra o que cada dia vemos: & assi a comparãõ os que bẽ escreuẽ, a cruel besta fera, que nãõ soo cidade, mas prouincias inteiras gasta, & destrue. E pois assi he que estas nascidas, & carbũculos nãõ saõ outra cousa senãõ hũa expulsaõ de natureza a aquellas partes que os mẽbros principaes tẽ deputados para que recebãõ suas superfluidades, fica claro, que ha mister ajudar a natureza, & por nenhũa maneira estoruallo.

Antes

Modo curatiuo.

Antes toda a mais diligencia ha de ser procurar de fazer crescer a nascida ou carbunculo com todos os remedios, assi de sangrias como outros que para este proposito fazem. Porque tendo o medico feito isto auera obrado segundo a arte manda, & fazendo se a sangria de parte differente, he occasião de diminuir a postema, & reboluer o humor às partes interiores. O qual manifestamente parece, porque quando queremos escusar que qualquer inflamação ou postema que se faz na parte inferior não creça senão que se diminua, sangram os da parte superior, & quando está na parte superior, sangram os das inferiores, as quaes sangrias os medicos chamão reuulsam. Seguese pois que estando a postema na virilha, fazendo se do mesmo artelho, se traz para ali ho humor. Isto mesmo se persuade por outra razão, que a nosso parecer he fortissima, & que a nenhum de bom entendimento lhe poderà deixar de quadrar. Se assi he que esta materia peçonhenta que esta apoderada nos membros principaes, como o coração, figado, & cabeça, & a natureza discreta mãy, & mestra, que se rege por intelligencia que não erra, procura com todas as forças de engeitar dos membros principaes aas partes mais fracas, & vis, & exteriores, o humor que o offende. Razão sera que o bom medico não somente a imite, mas que a fauoreça, & sirua, ajudádo a apartar tão mau humor do membro principal, de donde tanto danno pode fazer. E isto se obra muy bem fazendo as sangrias das partes que vão declaradas. E querendo fazer o contrario, não somente não he ajudar a natureza, mas causarlhe muyto danno, não somente estoruando a obra que ella bẽ faz, mas ainda reuoluendo o humor venenoso ao membro principal ou por elle. E assi concordão os que bem escreuem nesta materia, & tanto que ay quem encareça que a quem fizesse o contrario se lhe poderia imputar a morte do enfermo.

A parte de donde a sangria se deue fazer, sera conforme ao lugar donde der a postema, porque se he detras da orelha, ou carbunculo no pescoço, ou dahi para cima, ha se de fazer a sangria da vea da cabeça do mesmo lado da postema. E se for minino, & em idade que não se soffre sangrar, ou não parecendo vea, façase sarja no mesmo braço. Se for debaixo do sobaco, ou ouuer carbunculo, desdo pescoço até a região do figado se farão as sangrias da vea da arca do mesmo braço. E sendo minino, ou não parecendo vea se sarje³⁷ no mesmo braço no molhedo da parte de dentro, & sendo necessario segunda se fara do cotouelo pera baixo no mesmo braço.

Sendo em algũa das verilhas, tirarseha o sangue do artelho daquelle lado, & dado caso que aconteça esta infirmitade com demasiado enchimento daquelle vea conjuncta com tirar quantidade de sangue em hũa ou mais vezes, se depõe o enchimento que se pode desejar de poer, & se ajuda a expulsam que a natureza começou, & auendo carbunculo em dereito do figado, ou baço, & dali abaixo, se ja tambem a sangria da vea do artelho do mesmo lado, com que se tenha atençaõ que se o carbunculo ou postema venenosa que requeirão sangria der nas cadeiras, ou nos muslos da parte de fora, sera mais cõueniente da vea ciatica, que he a que está

³⁷ Sarjar é fazer incisões com lanceta até a carne viva (Bluteau, 1712-1728: VII, 502).

Modo curatiuo.

esta da parte de fora do artelho. E se for da parte de dentro da vea que mas se soe sangrar do artelho, que he a que està aa parte de dentro.

Acontece muytas vezes vir a estas postemas em duas partes juntamente . E quando assi acontecer, se sangue das duas veas que a ellas respondem. Como se viessem nos dous sobacos, nas duas veas da arca juntamente, de maneira que as duas veas estè a par abertas, & de ambas se tire a quantidade que parecer ao medico, tẽ do tento que por dar em duas partes he mostra de mayor auodança de humor peçonhento. E o mesmo se entendera dando em ambas as virilhas que se han de abrir as veas dos dous artelhos a par.

E dando tras das orelhas as veas da cabeça de entre ambos os braços. E se der em hum sobaco, & em hũa virilha, hão de se abrir as veas que lhes correspondem & assi em tudo o mais.

Mas se der primeiro em hum cabo, como posto caso que seja em a virilha, & depois socceda fayr em algum dos braços, ou detras de algũa orelha, se ha de cõsiderar se tem feito euacuação, & quanta, respeitando o enchimento que ha. E se se tiuer feito abastante euacuação não sera necessario tirar mais sangue. E se sair a segunda postema em dia cretico da primera, & com sinaes de aliuiio notauéis, por onde se entenda descarrego de natureza, não se faça euacuação de sangue. Mas se parecer sair a segunda em dia cretico, ou com acidentes rigurosos, como vehemẽcia de quentura, ou dor na mesma parte, ou mostra de enchimento, façase sangria da vea que responde à segunda postema, tendo resguardo a que a virtude está mais fraca, & que de rezão ha de estar tirada a mayor parte do enchimento. E para que mais seguramente se possa fazer a sangria, por rezão da segunda postema donde está dito, & que não retroceda o humor que tinha começado natureza a deytar fora a primeira postema, se ponha quando a quizer sangrar hũa ventosa na primeira postema, a qual tenha em quanto o sangrarem, & meya hora depois, que sera o tempo que de boa conjectura possa durar agitação no sangue por causa da sangria. E do dito se segue claramente, que se ao minino ao qual se não pode fazer sangria pollas razões ditas, se farão as sarjaduras a par pola mesma ordem que esta dito, nas sangrias pois tem as vezes dellas.

E se acontecer que debaixo do braço teuer algũa nascida, & mais abaixo em a sangradeira, ou perto della para riba, ou para baixo ouuer algum carbunculo, faça se a sangria na mesma mão na vea do figado, sendo no braço dereito, & no ezquerdo da vea do braço, que he a que esta entre o dedo que chamão de Annular do meyo porque esta he a mais possante. E nem mays nem menos se acontecer o carbunculo junto ao artelho se sair da parte de dentro, se sangue sobre o dedo grande, & sendo da parte de fora junto do dedo pequeno no mesmo pê.

Hum dos dos acontecimentos que podem dar trabalho, he quando se fere deste mal hũa prenhe da virilha de que parte se ha de sangrar, porque se he do artelho corre mais perigo de mouer³⁸, que não fazendose do braço, & se he do braço, os conueniẽtes que acima estão ditos são grandes, & deixar de sangrala mayor que nenhum sendo

B em tem-

³⁸ Abortar.

Modo curatiuo.

em tempo, & em caso que tenha necessidade de sangria, & he esta mayor difficul-
dade por não estar determinada, nem tocada de autor nenhum que tenhamos vi-
sto dos que tratão esta materia, ainda que para isso não temos reuolto poucos.
Nosso parecer he que se deue de sangrar pollas razões acima tocadas, que por es-
5 cusar prolixidade não se referem. E que seja do artelho. Porque ha mester socorrer
ao mayor perigo, que he a morte da mãy, de donde tambem se segue á morte da
criatura que não o mouer. Quanto mais que não he menos perigo para mouer ter
a criatura vezinhança do sangue peçonhento, & manterse delle pola vea do em-
10 bigo, & estar perto da maneira do fogo, da quentura, & perto donde à natureza
deita este humor para mouerse à criatura à querer sair agastada da quentura, & pe-
çonha do sangue.

As quaes cousas não somente serão cousa para fazer mouer, mas para matar a
criatura dentro do ventre da mãy, que morta ali com muyta mayor difficuldade a
despidira a mãy que não viuua, pois lhe falta a ajuda que pera sair do ventre faz a mes-
15 ma criatura sendo viuua. Mayormente que a sangria do artelho não faz mouer for-
çosamête nem sempre, & isto se verifica, porque muytas vezes queriamos prouo-
car menstuo cõ sangria do artelho, & fazendoa não sahimos cõ isso. E muitas ve-
zes tambem se tem visto ignorando a emprenhidão, assi a paciente como o medi-
co que a cura, querendo prouocar os meses sangrar dos artelhos, & não mouer, &
20 algũas molheres que de porposito procurão mouer cõ esta sangria não saẽ cõ isso.
E assi ay quem diz que pera melhor a sangria do artelho prouoque mēstuo ha de
preceder outra do braço, & esta presupomos que ha de faltar neste caso, ainda que aja
auondança a qual entendemos que aja de auer pera fazer a do artelho, despois da
do braço na prouocação do menstuo.

E assi das molheres prenhes que temos visto com inchaço na virilha, sangrãdoas
do braço escaparão poucas, & as que se sangrarão no artelho tiuerão mais remedio.
E não ay duuida senão que qualquer infirmitade aguda em molher prenhe he peri-
gosa, & muyto mais esta por ser de humor venenoso. E se bem olhamos hũa das
potissimas causas, porque se teme vomito nas prenhes com sangria, he porque no
30 discurso da infirmitade he necessario apoucar o mantimento pera cura della. E
por isso he necessario que aja posito de sangue pera manter a criatura, & nesta in-
firmitade não ay este inconueniente, porque antes auemos de yr ceuando a virtu-
de com bom mantimento.

Outra duuida se offerece nestas infirmitades, & he que auendo inchaço pestilen-
35 cial, ou carbunculo no sobaco, ou virilha, & sobreuindo acometimêto de humor
á cabeça, que fizesse hũa maneira de frenesi, ou catafora³⁹ das que agora andão quasi
vniuersalmente, se se fara sangria da vea da cabeça, & deitarão ventosas secas, ou
cõ sarja nas espaldas, que são os remedios adequados, & encomêdados dos auto-
res. Dizemos que em nenhũa maneira auendo inchaço na virilha, ou sobaco, se de-
40 ue fazer sangria da vea da cabeça, & para persuadir isto cremos não serão necessa-
rias muytas razões. Basta que se entenda que a catafora, ou acometimento à cabeça
he acci-

³⁹ Sonolência.

Modo curatiuo.

he accidente da infirmitade: porque como o humor esta venenoso, não deixa de acometer todo membro principal para mais asinha deribar o enfermo. E assi tendo respeito à causa do accidente, que he o humor venenoso que natureza deita ao inchaço, remediandose o inchaço, que he a causa principal, se remedia o da cabeça que he o
 5 accidente. Porque se quisessemos fazer a sangria da vea da cabeça, não soo era im-
 pedir a obra que a natureza bem faz em a lançar dos membros principaes aos igno-
 bles o humor venenoso. Porem fariamos grauissimo dano, & a nosso ver irrepa-
 ravel, que seria fazer retroceder a materia venenosa aos mesmos membros prin-
 10 ças. E quanto isto em boa medicina este condenado, facilmente se colligira no que
 temos dito nesta materia de sangria. E se assi he que em m[a]teria não venenosa,
 quando he hum membro mandante a outro recebente se manda humor, se ha de
 fazer a sangria da vea peculiar ao membro mandante. Como quãdo pola supres-
 sam de menstruo, ou de sangue emorroydal, se ha de fazer a sangria do artelho. E
 15 se ay dor de costado, & dali se comunica dãnno ao celebre, como do que se faz na dia
 frama, he o remedio sangria da vea da arca, & não da cabeça. E assi se vindo epilep-
 sia por comunicação de algum dedo do pè, o remedio he cauterizar, ou abrir
 aquelle pè, para que por ali saya o humor, que subindo acima, ou mudãdo seus fu-
 mos causa a epilepsia. Quanto mais sera conuemente em materia tão venenosa:
 20 como parece que ay ter conta principal com o membro mandante que he o in-
 chaço, que trazela à parte de cima: ou ao menos não fazella reboluer a aquella dô-
 de à natureza quando estaua mais forte auia intentado deitala. Pollo qual quan-
 do nos tem sucedido algum caso destes que não forão poucos, temos procurado
 remediar este accidente com outros remedios, os quaes se poeram em seu lugar.
 25 E podemos testificar mais que despois que estamos nesta cidade temos visto não
 poucos com este accidente de catafora, & se remediou nos mais por outro cami-
 nho que à sangria da cabeça.

E porque muytas vezes acontece dar esta infirmitade á hũa molher de pouco
 parida, ou que lhe vem sua regra, no sobaco, ou detras da orelha, ha se de conside-
 30 rar se purga conuientemente, & entonces poerselhe hão duas ventosas secas
 nas duas verilhas, & tendoas postas se lhe tirara do braço, & vea conforme ao di-
 to o sangue que for necessario. E despois de cerrada à vea tenha bom espaço as
 ventosas, & não purgando bem, ou auendoselhe começado à leuãtar à purgação
 nosso parecer he que se tire sangue do braço, & do artelho á par: porque esta ma-
 35 neira se cumpre com a infirmitade, & se supre a falta de euacuação natural. E ago-
 ra acõtece o que outra vez muytos annos ha noutra peste, que as molheres que lhes
 vem sua regra, se remedião esta infirmitade.

Outro remedio ay pera esta infirmitade muyto importante, que he purgar, & es-
 te he muy necessario quãdo se administra como deue, & tratãdo disso ao proposi-
 40 to à esta maneira de pestilêça que ao presente temos, que he (como està dito) <o>u de san-
 gue, ou cõ auondança de sangue, ou de humor mesturado, cõ elle poucas vezes se

B2 deue

Modo curatiuo.

deue fazer sem preceder sangria. Mas com que mezinhas se deua fazer isto, & quando, & como, não he pequena difficuldade. Para à determinança della he necessario que notemos o que por experiencia se tem visto que todos os mais à quem dão camaras morrem. Pello qual he bem que se faça com muy grande tento pera
 5 não espertar euacuação, que desmandandose possa acabar o enfermo: Porque depois de tomada a purga, não esta tanto na mão do medico deter, que não se demande à obra della. E por isto ha mester que as purgas sejam de contino de mezinhas beneditas nesta maneira de pestilença que corre. De maneira que não tenham
 10 força de trazer muy de longe, porque não sejam causa de tomar dentro o veneno que ja natureza irritada delle tinha começado de lançar pera à parte de fora. As mais conuenientes mezinhas sam as que com euacuar moderadamente purificação o sangue, & mais se resfria algum pouco, & mais se são cordiaes, ou se mistura ellas algũa cousa que seja cordial, & contra à peçonha, o qual se ha de guardar de contino, como em cousa que muyto vay.

15 As mais conuenientes são rosas, & seu enxarope de noue infusões, o qual tem prerrogatiua neste mal, & misturese com elle hũa pouca de agoa de azedas. E se o enxarope de noue infusões for das sete primeiras de rosas de Alexandria, & as duas derradeyras de rosas comũes cheirosas, o teriamos por mais acertado, porque
 20 nam seria tam quente, & confortaria mais violetas em conserua, ou em infusão, ou em pò sam muyto boas. E tambem polpa de canafistola, mãna, & sobre todas tamarindos nesta materia, que certo parece que os criou Deos para remedio desta infirmitade. Os quaes não somente são bõs para purgar como purga, mas dados muytas vezes entre dia, quando à febre fou muyto intensa, & em materia de carbun
 25 culos, fazem admirauel effecto,

O Ruybarbo se pode dar, & sinaladamente quando estiuer o dano nas virilhas por ser mezinha apropriada para o figado, com que ha febre nam seja muyto intensa, & que este em infusam em agoa dazedas, ou de almeirões pllo menos doze horas antes.

30 Agarico he tambem mezinha cordial, & esta conuem muyto quando os inchãos sairem detras das orelhas, ou de baixo dos braços, ou quando ouuer algũ aco metimento de humor à cabeça com demasia, ou falta de sono, ou dor nella: que de sospeita de vir accidente algũ a ella, porque este accidente vem muytas vezes nesta infirmitade que ao presente corre. E quando soccede he dos mais temerosos,
 35 & se se começa a confirmar escapão pouco delles, & isto entendemos assi do que auemos lido dos auctores, como o que a experiencia nos tem mostrado em Seuilha, & aqui.

Ay necessidade que o Agarico seja muyto escolhido de bom, polla grande differença que ay de bom a mau. Sua melhor correição he com oximel⁴⁰, & salgema, &
 40 o mais a proposito para esta infirmitade sera que em lugar do oximel se deite em xarope de agoa de cidras, ou de limões.

Ay

⁴⁰ Xarope de mel cozido com duas partes de vinagre (Bluteau, 1712-1728: VI,165).

Modo curatiuo.

Sen, & ephimio, & mirabolanos indos, são medicinas muito apropriadas na especie desta infirmitade que deita muytos carbunculos. Com que se tenha este aui so que os mirabolanos se dê quando a quentura seja mais excessiua. E o ephimio nem se de em estio, nê quando a quentura for muy rija, & os miranbolanos se dem em infusam, mais que em corpulencia se nam ouuer sospeita de camaras.

O tempo quando conuenha purgar, ha de ser o mais asinha que for possiuel, auêdo comprido meãmente cõ a euacuação do sangue. Ainda que na pestilença que agora ay, temos por não muyto inconueniente deixar de purgar, por ser (como està dito) à materia sanguinea, & à natureza sempre inclinada à deitar à parte de fora: o qual parece, porque ao cabo todos os mais vem à parar em pintas vermelhas, ou pretas.

Nas pessoas que mais cumpre purgas das que auemos dito, são as que tem vascas ⁴¹, & não sossegão, reuoluêdose de hum cabo a outro da cama. Os que tem amargor de boca notauel, os que tem principio de carregarlhes sono, os que tiuerem a lingua amarela, ou verde, ou muyto branca, & isto se entende em quanto dura a sospeita da infirmitade muy aguda, & que o veneno està toda via com força: porque despois de apaziguados os accidentes de veneno, ficando quantidade de materia, se poder yr digerindo, & euacuação. Porque ja da a infirmitade treguas, em que se possam fazer devagar os beneficios. E porque entre as duuidas que entre os medicos desta cidade se mouerão diante do Doctor Antonio Diaz Vereador, & Pro uêdor Mòr da saude, foy o que toca à par donde nos parece se discidio bem esta materia, hira à determinação co todas as demais ao fim deste regimêto curatiuo.

O suor he hũa das euacuações que neste caso cumpre, & està louuada dos que nisso bem escreuem: assi porque esta infirmitade começa polla mayor parte de humor de dentro das veas prende em humor quente, & em infirmitade (que como esta dito) a natureza procura contino deitar às partes de fora. Porem tem inconuenientes .scilicet. não ser a materia tão subtil como era necessario, para facilmente despedirse por suor, porque ao cabo he de materia sanguinha maisque a outra, antes grossa que delgada, & muyta della queimada, o que se mostra na resistêcia que fazem estas apostemas no vir a madurecer, ou resolver, que se forão de humor subtil mais asinha vierão a algũa destas duas terminações. Tem outro inconueniente não pequeno que as medicinas que o prouocão são quentes, & he sempre primeira obra da mezinha quente a quentar, & depois vem a fazer os outros effectos. E não estamos tão certos que fara o effectos prendido, que he suar, não podendo escusar do auer esquentado. E por isto esta euacuação nos parece que se deue prouocar donde ouuer incredulidade que se sayra com isso. E para isto de deue de cõsiderar primeiramente à natureza do paciente, se he dos que facilmente com qual quer exercicio suam, com cear demasiadamente de noite, & que beuendo no estio agoa, sua logo, homens baços meãmente carnosos.

De parte da infirmitade, & humor, se ha de considerar que aos que tem grande ardor de dentro, & de fora, ou temperados, nam nos auemos de atreuer a

B3 darlhes

⁴¹ Grande convulsão.

Modo curatiuo.

darlhes beneficio quente para prouocar suor a donde ouuer sinaes de ser o humor muy grosso.

Ho tempo da infirmitade em que se deue prouocar ham de ser depois de feita bastante euacuação por sangria: & estando o pulso grande, & brando, com algũa desigualdade que chamão vndoso⁴², auendo com isto algũas inquietações, & como accidente de desuariar, & fazerse vermelho de fora, & se com isto ha algum principio de pintas vermelhas, & pretas (porque neste caso he donde elle mais cumpre) sera bom prouocar esta euacuação.

As medicinas com que isto se pode fazer sam, triaga da magna, saluia imperial, mas o que mayor effecto faz sem aquentar, he o vnicornio, & pedra bazar, & alem de prouocar suor, são apropriadas contra à peçonha. A quantidade do vni cornio serão até dez grãos com agoa de madronhos, ou de escabiosa, & da bazar até cinco ou seys grãos, com qualquer das ditas agoas. E nos de catorze annos a baxo, & nos que tiuerem as nascidas detras das orelhas, ou forem muy quentes de compreçaõ; se vse da triaga de esmeraldas em lugar da magna, & da hũa, & outra se pode dar até quantidade de hũa dragma, com as ditas agoas ou qualquer de las. E entendese que pera auelas de tomar ha de estar à virtude meãamente forte. Porque se està muy fraca, nem he razão de prouocar suor, nem o poderá soffrer, nem à força da medicina. E entre as outras medicinas a flor de nogueira seca, & moyda em quantidade de mea dragma, com as mesmas agoas, se louua para este proposito de excitar suor, & he contra à peçonha.

Sempre desdo principio da cura até o cabo, he necessario vsar de medicinas que confortem os membros principaes, & fação contra a putrefação do humor, que he a raiz do danno & se ouuer febre intensa à apaziguem, & estirpem.

Estas se podem tomar em muytas maneiras, ou em formas de enxaropes, & os mais conuenientes são enxarope de agro de cidras, de limões, de romãas, de azedas, & o acetoso, & de pomis, ou em agoas de azedas, de escabiosa, de lingua de vaca, de agração, rosada, misturando as com os enxaropes, ou por si so.

Eleituairos sam bons de rosas de violetas, frol⁴³ de borragens, de lingua de vaca, & os que fazem marmelos, de pecegos durazeos. E não obstante que algũs condenem as confeçam alchermes⁴⁴, ella he hũa excelente mezinha pera este mal, & que mais leuanta a virtude quando se vay caindo, & faz contra ho mal de coração, ao qual esta infirmitade principalmente pretende derribar, & desta mezinha temos grande experiencia.

Em forma de talhadas sam boas de diamargaritom frio, de tria sandalos, diarrodom⁴⁵ & as que estam ordenadas, no fim da preseruaçam Destas cousas se hão de tomar muytas vezes de dia, & de noytes, hũas vezes de hũa maneira, outras de outra, com que não dê fastio ao enfermo, porque nenhũa cousa tanto importa como sustentarlhe apeticto de comer.

Em forma de poos se faça hũa mestura de piuidas de cidra, de rayz de sese

Em ra-

⁴² Que tem grandes ondas, agitado.

⁴³ O mesmo que flor.

⁴⁴ Houaiss define quermes como “*medicamento expectorante à base de antimônio*”.

⁴⁵ Segundo Mascarenhas Valdez (1864: II, 154), diarrodo era “*electuario ou conserva de rosas*”

Modo curatiuo.

em rama, de pimpinela, da semente de azedas, de cada cousa duas dragmas de osso de coração de ceruo hũa dragma de rosas secas tres dragmas de bolo armenico, tres dragmas de pò de coral, & de aljofre da cada hum gragma, & meya, de açafraõ peso de dez grãos. Façase tudo pò moydo muy sotilemnte. Podese vsar delle nos enxaropes, & no que comer, & beber o enfermo. E disto tambem se podem fazer talhadas com açucre branco delido em agoa de azedas, ou em çumo de agro de cidras, ou limões.

5 luntamente he necessario não esquecer a confortação dos membros por de fora. Epitime se o coração como abaixo se tocara na duuida que sobre isto fala, & farse ha à epithima de agoas de borragens, de lingua de vaca, de escabiosa, & aze das rosada, & vinagre rosado & dos pòs cordiaes que estão ditos, & tambem se pode acrescentar da confeição de alchermes, & nisto se pode molhar hũa madeixa de seda de grão, ou de pano de linho vsado, & polo sobre o coração, & nos pulsos & mudarse ha à meude, & nisto se pora quente, ou morno, ou frio, segundo ouuer à força da quentura, & temperança do tempo.

10 Tambem he necessario socorrer ao figado principalmente saindo inchaço na vi rilha, com que se tenha feito moderamente euacuação, & com intenção que sempre se acrecente algũa cousa que tenha força de corroborar, como çumo de marmelos, de agraço, de assencios verdes, ou agoa delles. Do que melhor se podem fazer estas epithimas são agoa de indiuia, de almeirões, de erua moura, de azedas, de escabiosa, rosada, & vinagre rosado acrecentando as cousas ditas. Os pòs para esta epithima são confeição de tria sandalos, diamargaritom frio, diarondõ de abade, pòs de rosas, & de assencios verdes deitandolhe de continuo hum pouco de alcantor.

25 Com qualquer acometimento à cabeça, ou sinal delle, que he auendo dor nella falta, ou sobejo sono he necessario tirar sem detença o cabelo da moleira bem raso, porque naquella parte he mais facil à penetração ao celebre, & poerlhe defen siuos, molhando hum pano de linho vsado nelles, & renouando o muy amiude de maneira que não se aquece muyto se ouuer demasiada quentura na cabeça, nem se deixe secar. Os materiaes quase sempre hão de ser hūs, variando as quantidades, porque tendo falta de sono se ham de poer quatro partes de azeite rosado, & hũa de vinagre rosado, & auendo muyto sono, à metade de vinagre que de azeite. Em todos he bom acrescentar sandalos, & nos que muyto dormirem alcanfor. Isto se poera quente, frio, ou temperado, segundo a quentura que na cabeça ouuer, ou temperança do tempo.

40 O estamago se conforte com grande cuydado desdo principio, porque importa muyto conseruar a vontade de comer, & a digestiua, ou concotiua. E isto se fara muyto bem cõ que se ouuer muyto ardor no estamago, poer nelle de çumo de

B4 agraço,

Modo curatiuo.

agraço, ou de marmelos, & de azeite rosado, partes iguaes molhado hum pano nelle, & posto no estamago. Não auendo muita quentura se faça hum cozimêto de duas partes de Alosna, & hũa de ortelaã em vinagre meãmente agoado, & molhando hũa reuanada de pão tostado no dito vinagre, & pisada com à Alosna, & ortelaã, se faça em forma de emprasto, & se ponha quente no estamago, porque conforta, & restitue à vontade do comer.

As apostemas pestilenciaes que nascem nos emunctorios, tem necessidade de remediarse com breuidade, nam os curando a elles, escusando que nam venham a maduro senam chamando a elles a maõ humor, apartando dos membros principaes, porque em tal caso he muy perjudicial poer cousa que defenda que nam se engrandeça. E a atração se procure de contino, seja com medicinas, que nam tenham em si mà qualidade, antes propriedade, & virtude contra a peçonha, ou se misture com as medicinas attractiuas algũa que tenha esta virtude. E por isto he muy conueniente remedio a cebola assada com triaga, & azeite de açucenas pisada, & posta no inchaço, & tornando a poer de duas em duas oras, ou de ora a ora, & ponhase mais, ou menos assada, segundo for a dor, porque se a dor he pouca, assese pouco, porque tenha mais virtude attractiua E se a dor he grande, assese mais, porque quanto mais se assar, mais mitiga a dor & sempre tem virtude attractiua. E seja regra geral que sempre se procure mitigar a dor, porque debilita muito a virtude que sempre se deve de conseruar, ainda que seja o beneficio menos attractiuo, porque quando ha muyta dor, o sinal, & causa de mayor atração.

Remedio he tambem conuenientissimo a consolda mayor, ou menor, ou a escabiosa, eruas conhecidas, pisadas entre duas pedras, ou em hum gral de pedra, & posta qualquer dellas sobre a nascida, & remudadas de ora a ora com grande força, matam esta peçonha. Para o mesmo proposito se pode fazer hum emprasto, que para isto he admirauel. & o temos vsado muytas vezes, & atrae muy bem, & tem virtude de matar a peçonha, sem fazer muita violencia, o qual se faz desta maneira. Tomem se duas cebolas cecens, & hũa duzia de figos passados, hũa pouca de escabiosa, duas rayzes de tormentina, cozam estas cousas, pisemse, & machuquemse, encorporemse com duas onças de azeyte de lirio, & quatro de formento muy azedo, & duas dragmas de triaga, & pretendendo mais atração, se pode acrescentar galuano, ou poponaco, ou ambos.

Tambem se vsa para este effecto hum galo viuo depenado o sesso, & poluorizado com sal moydo & posto sobre a nascida, atrae suauemente a peçonha sem violencia, & morrendo hum galo se ponha outro, atè tanto que algum fique viuo, porque entonces sera sinal que està a peçonha estripada.

Quando parecer que a nascida està crescida, & està desposta para vir a fazerse materia, sera bom ajudar a natureza, & para isto se faça hum emprasto de figos, rayzes de lirio, maluaisco, & alfoluas, tudo bem cozido, picado, & machucado, & incorporado com vnto sem sal, o qual se ponha duas vezes entre dia, & noyte. E para o tempo de o abrir se tenha muyta conta, que se ha de abrir antes que estè

Perfe-

Modo curatiuo.

perfectamente maduro, com qualquer principio de materia que tenha. Em qual-
 quer tempo nestas apostemas he bem que nam tenham demasiada roupa, & a ata-
 dura não estè apertada, porque nam se estorue a euaporação do veneno, que he ne-
 cessario que de contino transpire sem estoruo, porque nam retroceda, & depois
 5 de aberto se va mundificando⁴⁶. E se ficar por madurecer algũa parte da postema,
 indose modificando a chaga, se vam pondo cousas para madurecer nella, & enton
 ces se procurara de encarnar quando estas cousas esteuerem feitas. E nam se aca-
 bam de poer aqui outras particularidades de mais remedios, porque se poem nas
 duuidas que se nos moueram, donde està bem dicionado.

10 Os carbunculos nascem em diferentes partes do corpo, & nelles tambem he
 necessario atração: & porque as medicinas que nelles se aplicam com a codea, ou
 escara que fazem, nam penetra sua virtude, nem faz fructo, he necessario, que fei-
 tos os remedios vniuersaes, logo se sarje, & sejam as sarjas tam profundas, que de
 15 baixo da escara saya sangue, & lauese com salmoura quente, para que va saindo
 melhor sangue: & nas sarjaduras se deite pedra bazar muy moyda, & de tal ma-
 neyra se ha de deitar, que caya na carne que descobriram as sarjaduras, porque
 he remedio muy certo extirpando o veneno.

Nestes carbunculos, junto a escara he grão beneficio aplicar hũas sambijugas,
 das que na phisica são louuadas, para que picãdo ellas, & começando a chupar o
 20 sangue quando se vão enchendo, lhes cortem as colas com hũas tisouras porque
 despedem por ali o sangue que vão chupando, & assi não se fartam. E se pode ti-
 rar com ellas quantidade de sangue seguramente, porque chupão o sangue melã-
 colico, & taes quando faz carbunculo, & he mais conueniente este remedio quan-
 do saem muitos juntos em diferentes partes do corpo.

25 A escabiosa verde machucada entre duas pedras, & se for seca, enternecida cõ
 sua mesma agoa & posta ali, em todo tempo aproueita, & para arrancar a escara
 mesturaa com manteiga de vacas, & gema de ouo, mesturada com sal moyda, a
 maneira de vnguento, he boa em todo tempo para isto. E para arrancar a esca-
 30 ra he muy bom hum emprasto de figos passados, & nozes, pisado, & mesturado
 com hum pouco de mel, & depois de arrancada, não ay que fazer mais, que mun-
 dificar a chaga, com mundificatiuo de apio, & depois encarnando quando
 for tempo.

Para poer ao derredor do carbunculo & não na escara, he excellentes remedio
 fazer hum emprasto de romãa agra, cozida em vinagre, & pisada, & encorporada
 35 com farinha de ceuada, atè que tome ponto de emprasto, & poelo (como està di-
 to) ao derredor, sem que toque à escara, porque este tal mata a peçonha, & defen-
 de que não se estenda mais a escara. E ajuda estorua que aquelles vapores do
 muy adulto (que não podem transpirar polla casca) tornem a retroceder, & com
 municarse à parte de dentro. A consolda mayor, ou menor pisada (como està
 40 dito) & posta na parte da escara, & não ao derredor, he proueitosa.

Entre os accidentes que soem acompanhar estas febres pestilencias, não he o

B5

menor

⁴⁶ Purgar.

Modo curatiuo.

menor a nosso ver o que chamão vermelhas, & pretas, no remedio do qual nam ay pouca duuida ver se os que o tuerem se hão de euacuar por purga, ou por sangria (como está dito no demais.)

5 Se em dando a febre pestilencial, der logo as pintas vermelhas, & pretas, & ouuer no enfermo os sinaes de repleção (que estão ditas) sempre se ha de sangrar. E auendo inchaço, ou carbunculo, sera da vea que atras fica declarado no da sangria, não auendo inchaço, senão soo as pintas vermelhas, & pretas, se fara a sangria dos artelhos. E se for caso, que não aja tantas forças no enfermo para po der soffrer a euacuação por sangria, se poderà fazer por hũa escarificação nas
10 pantorrilhas com ventosas. Porem, saindo as pintas vermelhas, & pretas de- pois da febres dous, ou tres dias, ou auendo feyto euacuação por sangria, ainda que não tão bastante como a repleção pedia, de nenhũa qualidade se faça sangria, mas sendo necessaria euacuação, sera com ventosas com sarja, como está di- to. E entendase com muyto cuydado em ajudar á natureza a deitar mais fora,
15 principalmente quando for meudo, & còrado, porque este tal não he de tam má qualidade como o que traz còr morada, ou verde. E porque dado que esta apararição das pinturas vermelhas, & pretas não seja euacuação perfecta de natureza, antes a que os Medicos chamão symptomatica, com tudo isto estamos obriga- dos a ajudallo de acabar de deitar a partes de fora o humor como o tem come- çado. E para isto, & para com que com a sangria nam se faça volta para dentro
20 do humor, tendo começado a sair a partes de fora, se façam hũas esfregaduras por todo o corpo com hum pano de linho aspero. Assi mesmo se lhe de logo pa- ra suar algũa cousa das que acima temos dito para este effecto, com que sempre se misture algũa cousa que tempere a quentura do sangue colerico, de donde
25 pola mayor parte procede, como hum pouco de bolo Armenico, pòs de Dia, Triasandalos.

Para remediar isto das pintas vermelhas, & pretas, & ajudar à natureza a al- cançar a partes de fora, he muy louuado, & de nos vsado o enxarope de lacca, & nam o auendo, se pode fazer hum cozimento de funcho, & figos passados, & hũa
30 pouca de laca lentilhas tirada a casca, açafirão, acescendendo a sete em rama , ou tormentila, & trebol, ou sua semente, & deste cozimento se podera vsar para ho proposito dito, & quando ouuer quentura rija se, & faça outro cozimento desta maneira. Duas dragmas de violetas de ouroçus, passas sem caroços, & ceuada, de cada cousa hũa onça, de rayzes de apio, & funcho, de cada hũa, hũa onça de se-
35 mente de beldroegas, & funcho, de cada hũa, hũa dragma, de lacca, duas drag- mas, & com mea duzia de figos passados brancos cozanse primeiro as rayzes atè que se amolentem, & despois as sementes, & depois as violetas, & ao cabo deitem hũa dragma de açafirão, & disto quente tome ate cinco onças polla manhã em jejum, & a tarde antes de cea outras tantas. Entre as cousas que muyto aprouei
40 tão para trazer isto à parte de fora, he poer muytas ventosas secas sem sarja em diferentes partes do corpo, que nam durem muyto em hum lugar, senam mu dandoa

Modo curatiuo.

dandoas muytas vezes, & auendo inchaço, ou nascida, se ponhão junto do inchaço, alongando a materia do membro principal, como se està na virilha polas pernas abaixo. E sendo no sobaco, ou tras as orelhas, nas costas, & braços, & costados, apartandose do coração, & figado, & não deixando assossegar muyto
 5 as ventosas, tenhase grande atenção, que em começando aparecer algũa cousa disto, se tirem todas as vnturas, & não fique por todo o corpo rastro de vntura de azeyte, nem ingoento, antes se faça nas partes donde ouuer tido a vnção, hũa maneira de esfregadura com hum pano molhado em vinho branco quente. Assi mesmo he necessario que se escusem por entoncos as epithimas. Sera bom poer
 10 ao que sair estas pintas vermelhas, & pretas, algũa cousa de cor em que olhe, porque ajuda a sair fora.

Tendo dito o que toca aos remedios de medicina, fica a tratar do regimento que se ha de ter com os enfermos.

Primeiramente, acerca do aposento, & temperança delle, & do ar, & modo
 15 de emendallo, se tenha a ordem que temos dado no regimento da preseruação, porque não aproueitarà ao enfermo, mas aos que seruem estarão cõ menos perigos.

Em, a comida he necessario se tenha grande cõta cõ ella, poque ha mester muita força para resistir tanto dano. E assi deste logo se lhe de a comer ao enfermo
 20 de hũ frangão assado, ou cozido, cõ muito çumo de agraço, ou agro de cidras, ou de limões, ou de romãas, cõ que auisamos, que por ser humor peçonhêto, & podre, & cõ isto debilita a virtude, he bõ cõselho dar pouco, bõ, & muitas vezes: em o qual se guarde o costume, como que se de mais vezes de comer ao mininos que
 25 aos grandes, & se der tempo pera vsar das mezinhas, que não se misturem com o manjar no estamago, porque fação melhor effeito.

Faltando o apetite do comer, de maneira que se aborreça o mastigado, se podem fazer caldos sustanciosos, ou tirar sustancias, com o qual se podem deitar alguns cordiaes dos que não desagradão o gosto do que come: como cozendo
 30 hũa muito boa galinha poedeira, ou hum capão nouo, em agua soo, a fogo manso, atè que se aparte o osso de carne, & entendese, que ao principio se ha de deitar tanta agua que nam seja mester acrescentar nenhũa. A este caldo depois de cozido, espremendo bem a carne, & tirandolhe a gordura, porque não dê fastio, lhe acrescentem çumo de limões, ou agraço, ou agro de cidras, ou de romãa, & seja do que o enfermo gostar mais. Podese fazer outra maneira de sustancia, tomando hũa boa aue das ditas, ou hũa perna de carneiro meirinho capa
 35 do, tirada a gordura, ou hum pedaço de vitela, ou perdiz, & assese, vntãdoa com hũa mistura de agoa rosada, & çumo de limão ceutil, & hum pouco de açafraõ, & a meo assar, se ponha em hũa prensa de boticaire, & apretandoo, lhe tirem o çumo, & misturem com elle algum dos agros acima ditos, & agua rosada ou de azedas, & ferua hum pouco com pò de aljofre, ou coral atè que se saze, &
 40 quando o tirem do fogo, lhe deitem meya dragma de diamargariton frio.

E se

Modo curatiuo.

E se ficar de hũa vez para outra dalgum caldo desta substancia estè perto do lume onde nam se esfrie, porque o requentado toma mao gosto, tambem se pode dar assada hũa aue boa frangãa poedeira, ou que põe nouamente, & assi como se for assando, a iram vntando com a mistura acima dita, & yr pingando talhadas de pão delgadas na substancia que cair, por se gostar dellas o enfermo. E entendese, que as comidas nam soo ham de ser de galinha, porque bem se pode dar perdiz, perdigão, gaçapo, lombinho de vitela, ou hũs ouos assados brandos, ou passados por agua, & com agua dazedas, & hum çumo agro, conforme ao gosto do enfermo.

E porque importa muito nesta infirmitade sustentar o apetito, sera bem variar as comidas, & dar aos principios dellas das cousas que o soem despertar, como são hũas alcaparras das grandes, & conseruadas en vinagre são milhores, & muy lauadas do sal, ou em hũa salada verde de eruas apropiadas, azedas, borrages, alfaças, ortelãa, ou hum olho de alfaça com vinagre, ou hũa laranja agra, abrunhos, & ginjas, conforme ao tempo. E para a derradeira pera, ou marmelo, ou sua conserva, tomando por fundamento ter de contino o enfermo meãamente mantido, porque os que se esforção a comer o que ham mester nesta infirmitade, nam tem a menor parte de seu remedio. E para isto aproueita muyto as differenças de manjares, que as molheres & cozinheiros soem fazem, tendo aduertencia, que todos sejam sem grossura, nem especies, senão for hũa pouca de canela, & coentro seco, & açafram, & nam outras, & sempre com algum agro dos ditos.

O beber, seja auendo febre rija, agoa cozida com ceuada, & peuides de cidra, & se a aborrecer muyto, ou não ouuer tanta febre, seja agoa muy boa fria.

E os muy acostumbrados à beber vinho, & fracos, não auendo reponta de damno na cabeça, poderam beber muy pouco vinho branco, & não muy anexo, de muy pouco força, & seja bem aguado, & ordinariamente seja bem frio o que ouuerem de beber.

O somno aos principios ao menos seja pouco, com que não se desuelem demasiado, & se sobrevier accidente de começar à profundarse o somno, se lhe procurem desde logo os remedios que acima estão ditos para este proposito.

Sempre se procure de alegrar, & poer animo ao enfermo nesta infirmitade por todas as maneiras possiueis.

As fal-

Modo curatiuo.

AS faltas que neste regimento curatiuo ouuer
são dignas de perdão, como cousa feita por
homens que as horas que nelle gastarão, tira
rão do sono necessario á seu reparo, & sau-
5 de, por andar todo o dia occupados nos en-
fermos do pouo, & das religiões, procurãdo seruir nisso a Deos
nosso Senhor, & á Sua Alteza . Quanto nossasa forças alcanção.

10 O Doctor Antonio Diaz Prouédor Mòr da Saude, por el
Rey nosso Senhor, com gram zelo do bem comum, & para que
todos tiuessem noticia do modo que auião de tér na cura de-
stas infirmidades: & nenhum caysse em error no remedio del
las, nos fez ajuntar muitas vezes cõ os Medicos para este pro-
15 pósito deputados, para que em sua presença se tomassae resolu-
ção por escripto nas duuidas que se offrescessem, & proposes-
sem. E tendose em sua presença tomado resolução, não nos
deu lugar para limar, & emendar o escripto, não soffrendo dila
ção em cousa que cumpre ao bem comum. E assi temos por
20 bastante desculpa mandado de pessoa tam graue, proce-
dido de tam Christianissimo peito. Praza á
nosso Senhor, seja para tanto fructo
com delle, & todos
desejamos.

As determinações das duuidas, que se propuseram
ante o Doctor Antonio Díaz, Vereador, &
Prouédor Mór da Saude.

5 SE se vsará de Triaga Magna, ou de Esmeraldas: & de
bolo Armenico, & quando.

¶ Determinouse, que se pode vsar de ambas Traigas, sen
do boas nam sendo a quentura muy intensa, & auendo
10 mostras de muita peçonha, particularmente, quando o
dano for na cabeça, se vsará da Esmeralda: & quando no
coração, & essoutras partes, da Magna, & quando for a quentura muy intensa,
nam se vse de hũa, nem de outra, senão de bolo Armenico, nam tendo o enfermo
opilação, nem humores grossos no peito.

¶ Quanto ao tempo em que se deue dar qualquer destas medicinas, se ossentou,
15 que feitas algũas euacuações por sangria, se podem dar, & antes se escusem.

2 Se depois de feita euacuação por sangria bastantemente, a parecer do Medi
co, se se purgará o enfermo erradicatiua, ou minoratiuamente.

¶ Determinouse, que auendo quentura pestilencial sem algũa mostra de fora, &
20 auendo suspeita de mouimento de humor no corpo de hũa parte para outra, que
se deue purgar erradicatiuamente com mezinhas que tenham força. E auendo
mostra de fora no enfermo de inchaços, ou outra cousa, que então se deue pur-
gar minoratiuamente com mèzinhas beneditas.

¶ E se os inchaços forem com grande inchamento, & nam ouuer quentura se de
25 ue escusar a purga, & auendo febre com grande inchamento, purguese com mèn-
zinhas beneditas.

3 Duuidouse, se se dara aos enfermos enxarope para pacificar a sede

Determinouse, que si, & tambem agoa fria em quantidade, que o enfermo se as
tisfaça bebendoa de golpe.

4 Se se epithimaram o coração, & os pulsos ao principio desta infirmitade

Determinouse, que epithimas frias de materia que se esfrie facilmente, como
30 de agoas que se deuem de poer no coração em febres pestilenciaes intensas, não
auendo sinaes de querer suar, nem auendo carbunculo muyto perto da parte dõ
de se põe a epithima, & em semelhante caso se poderam poer epithimas, que nam
sejam tam frias.

<5> Se se poeram ao principio nos inchaços atractiuos fortes, & ventosas secas,
ou com sarja, & quando, & como se ha de vsar de cada cousa destas.

Determinouse, que sempre são necessarios atractiuos, mas em differentes ma-
40 neiras, & em differentes materias, porque algũas vezes lança de golpe a nature-
za grande

Modo curatiuo

za grande quantidade de humor peçonhento aos emunctorios, & então ay gran de inchação, & està córada por causa do sangue, & neste caso se sarjarà logo, & sa ya quantidade de sangue, sem deitar ventosa, & depois se vntarà com cebola cem, & se poera lam çuja encima.

Outras vezes nasce hũa apostema pequena, & corada, & então he mais conue niente poer sambixugas de boa agoa, que tirem quantidade de sangue, conforme ao que for mester.

Outras vezes vem esta apostema pequena, ou grande com grande dor, & entonces poerse hão fomentações de cousas mitigatiuas de dor, como são coroa de Rey, cebola, endro, & cousas semelhantes. Porem se for pequena, & sem dor, entonces quadra poer nella hũa ventosa, & se for dura formentações com cousas que abrandem, & logo ventosa, & sempre com qualquer destas fomentações se deite triaga.

6 Duuidouse, quando estas febres pestilenciaes começam com vomitos de colera verde, ou amarela, se sera bem ajudar brandamente ao vomito, ou nam

Determinouse, que auendo saydo ja os inchaços, ou døres, que os significassem, ou carbunculos, que em tal caso em nenhũa maneira se prouoque vomito. Mas que auendo febres pestilenciaes, se nestes sinaes, & com humores muy apartados da natureza do sangue que està no estamago, que entonces se ajude brandamente com agoa tibia, & enxarope acetoso.

7 Duuidouse, se auendo em tal caso vomito de hũa maneira, ou de outra, todauia se procederia com sangria.

Determinouse, que si por causa da febre continua, & inflammação de algum dos membros principaes de donde procedem as apostemas que parecem, sinaladamente nesta cidade, & neste tempo, donde parece auer muyto inchimento de sangue, & os outros humores misturados com elle, presuposto que se conforte primeiro o estamago.

8 Duuidouse, se quando parece que a febre pestilencial abranda, ou de todo ponto se tira, ficando todauia o inchaço por algũs dias, se tratarão do folego, como nas outras febres, & tempos, ou se todauia se proceder com attractiuos, & maturatiuos.

Determinouse, que quando o inchaço sair primeiro que a febre, sempre se este sobre auiso, que delle hão de vir febres, & accidentes, pollo qual conuem, conforme à qualidade delle fazer chamamento fora, & mesturar maturatiuos, se for duro, & no processo yr mudando, como ao Medico lhe parecer.

9 Duuidouse se parecendo que o inchaço crece de maneira, que parece que virà a madurecer, & por deterse, nam deixam os accidentes, nem a febre, se sera bõ abrillo com cauterio de fogo, antes que com lanceta.

Determinouse, que parecendo sinal de maduração, se pode vsar o cauterio actual, & profundo, que chegue ao lugar da materia, em todos os outros se faça como està respondido na quinta duuida.

L A V S D E O.

REFERÊNCIAS

N. B.: Todos os links indicados a seguir foram confirmados em 27/08/2018.

ÁLVARES, Tomás. *Recopilaçam das cousas que conuem guardarse, no modo de preseruar à cidade de Lisboa : e os sãos, e curar os q[ue] esteuere[m] de peste / feita pellos Doctores, Thomas Alvarez, & Garcia de Salzedo.* - Segu[n]da impressão. - Lisboa : vendem-se... em casa de Sebastião Carualho, 1598. Disponível em http://coleccoes-digitalizadas.fm.ul.pt/repo/ULFM-res-2187-3/ULFM-res-2187-3_item1/index.html

ÁLVARES, Tomás. *Recopilaçam das cousas que conuem guardarse, no modo de preseruar à cidade de Lisboa : e os sãos, e curar os q[ue] esteuere[m] de peste / feita pellos Doctores, Thomas Alvarez, & Garcia de Salzedo.* - Segu[n]da impressão. - Lisboa : [Marcos Borges], [1580].

ABREU, Laurinda. 2004. A cidade em tempos de peste: medidas de protecção e combate às epidemias, em Évora, entre 1579 e 1637. In: *Congreso de la Asociación de Demografía Histórica - ADEH*. Granada; 2004. <http://www.adeh.org/?q=pt/node/6191> .

ABREU, Laurinda. 2010a. A organização e regulação das *profissões médicas* no Portugal Moderno: entre as orientações da Coroa e os interesses privados. . In: *Arte médica e imagem do corpo: de Hipócrates ao final do século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2010, p.97-122. https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/1971/1/BN07_LAbreu.pdf

ABREU, Laurinda. 2010b. Limites e fronteiras das políticas assistenciais entre os séculos XVI e XVIII: continuidades e alteridades. *Varia Historia*, 26 (44): 347-371, jul/dez 2010. <http://www.scielo.br/pdf/vh/v26n44/a02v2644.pdf>

[ANÔNIMO]. 1862. Da Epidemiologia portugueza: bosqueijo histórico. In *O Instituto: revista científica e literaria*. [1ª parte] 11(8) :213-215; [2ª. parte] 11 (9): 234-237; [3ª parte] 11 (10): 260-263. <http://books.google.com.br/books?id=QRUfAQAAMAAJ&pg=RA1-PA236&lpg=RA1-PA236&dq=peste+1569+lisboa&source=bl&ots=3LhXzzVXmj&sig=US35c0mrUYQBgdLk5miJuaZ3OeE&hl=pt-BR&sa=X&ei=LclDlT6TIFNOJ2AWr5unwCw&ved=0CEgQ6AEwBQ#v=onepage&q&f=false>

ANSELMO, António Joaquim. 1926. *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*. Lisboa: Biblioteca Nacional. 367pp.

BAIÃO, José Pereira. 1737. Portugal cuidadoso, e lastimado. Com a vida, e perda do Senhor Rey Dom Sebastião o Desejado de saudosa memória. Lisboa Occidental: Off. António de Sousa da Sylva. Disponível em <http://www.archive.org/stream/portugalcuidados00bai#page/132/mode/2up>.

BARBOSA, Maria Hermínia Vieira. 2001. Crises de mortalidade em Portugal desde meados do século XVI até ao início do século XX. Com a colaboração de Anabela de Deus Godinho.

Guimarães: Universidade do Minho/ Núcleo de Estudos de População e Sociedade. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/782/1/Cadernos01.pdf>

BARBOSA MACHADO, Diogo. 1741-1759. *Bibliotheca Lusitana* historica, critica e cronologica na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente : Offerecida à Augusta Magestade de D. João V nosso senhor / por Diogo Barbosa Machado. Lisboa Occidental :

António Isidoro da Fonseca, - 4 vol. v. 3. Disponível em: <https://archive.org/details/bibliothecalusit03barbuoft>

BASTOS, Mário Jorge da Motta. 2005. Poder e Doença: epidemias em tempos de centralização (Portugal – sécs. XIV/XVI). In: Ruy de Oliveira Andrade Filho (org.). *Relações de Poder, Educação e Cultura na Antigüidade e Idade Média*. São Paulo: Solis, 2005. p. 491-500. http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/Poder_e_Doenca_Epidemias_em_Tempos_de_Centralizacao.pdf

BELLINI, Lígia. 2007. Culturas de ofício e práticas de cura na Lisboa moderna. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 14 (2): 613-617. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v14n2/12.pdf> [Acesso em 28Jan2012].

BIBLIOTECA NACIONAL. 1990. *Catálogo dos impressos de tipografia portuguesa do século XVI: A coleção da Biblioteca Nacional*. Introdução, organização e índices por Maria Alzira Proença Simões. Lisboa: Biblioteca Nacional.

BLUTEAU, Raphael . 1712-1728. *Vocabulario portuguez e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasilico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiastico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero... autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos...* Coimbra : no Collegio das Artes da Companhia de Jesu, . 10 v. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>

BRANCO, Camilo Castelo. 1882. *Perfil do Marquez de Pombal*. Porto/ Rio de Janeiro: Editores-Proprietários Clavel & Cia/ L. Couto & Cia. <https://archive.org/details/perfildomarqusd00brangoog>

BRITO, Gomes de. 1911. *Noticia de livreiros e impressores de Lisbôa na 2ª metade do seculo XVI* Lisboa : Imp. Libanio da Silva, 1911. Disponível em <http://purl.pt/184>

CAIRUS, Henrique & RIBEIRO JR., Wilson A. 2005. *Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

COSTA RAMALHO, Américo da . 1973-1974. Mestre Anrique da *Farsa dos Físicos* de Gil Vicente. *Humanitas*, 25-26: 91-113, 1973-74. Disponível em: http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas25-26/05_Costa_Ramalho.pdf

COSTA RAMALHO, Américo da. 1981. Alguns aspectos da vida universitária em Coimbra nos meados do século XVI (1548-1554). Conferência feita na Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, em Coimbra, em 29 de abril de 1981. Disponível em http://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas33-34/01_Costa_Ramalho.pdf

CRUZ, António da. 1661. *Recopilaçam de Cirurgia ... ; Acrescentada nesta sexta impressã pello D. Francisco Soares Feyo, & pello Licenciado Antonio Gonçalves...* - Lisboa : na officina de Henrique Valente de Oliveira : a custa de Mattheus Rodrigues mercador de livros, 1661. Contém: Capitulo universal e 5 Tratados de A. da Cruz (Da Anatomia de todos os membros; De Apostemas; Das Feridas; Das Chagas; Da Natureza dos simples), 3 Tratados de F. S. Feio (Do Scurbuto ou mal de Loanda; Das Fontanellas; Da Enfermidade do bicho) e Tratado da gonorrea de A. Gonçalves. Disponível em <http://purl.pt/12172>

FERNANDES, Isabel Maria. 2002. Alimentos e alimentação no Portugal Quinhentista. *Revista de Guimarães*, 112:125-215. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/12471>.

HALLER, Albrecht von. 1777. *Bibliotheca Medicinæ Practicae*. Basileia/ Berna: Joh. Schweighauser/ Em. Haller. v. 2 https://books.google.com.br/books?id=10oo7M3SRbkC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

MASCARENHAS VALDEZ, Manuel de Canto e Castro. 1864. *Diccionario español-portugués, el primero que se ha publicado con las voces, frases, refranes y lucuciones [!] usadas en España y Americas españolas, en el lenguaje comun antiguo y moderno; las ciencias y artes de medicina, veterinaria, quimica, mineralojia, historia natural y botanica, comercio y nautica, con algunos nombres propios, y asi las voces particulares de las provincias españolas y americanas, etc.; compuesto sobre los mejores diccionarios de las dos naciones*. Lisboa: Imprensa Nacional. t. 2. <http://www.archive.org/stream/diccionarioespa00cant#page/n5/mode/2up>

MEIRELLES, Antônio da Cunha Vieira de. 1866. *Memorias de Epidemiologia portugueza*. Coimbra: Imprensa da Universidade. http://books.google.com.br/books?id=35w_AAAAcAAJ&pg=PA113&lpg=PA113&dq=Memorias+de+Epidemiologia+Portugueza&source=bl&ots=UyEYEn1KAT&sig=qUfT23sgAK69SEmJJVLn_Hm8Vx5c&hl=pt-BR&sa=X&ei=n-8jT5TKLMLt0gGz2OT8CA&sqi=2&ved=0CEAQ6AEwBA#v=onepage&q&f=false

NASCIMENTO, Águeda Bueno do. 2007. *A retextualização como instrumento de manipulação no discurso jurídico penal*. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Letras. Dissertação de Mestrado em Linguística. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/VCSA-77SPU2>

[NEVES PORTUGAL, Alexandre António das]. 1801. *Advertencias dos meios que os particulares podem usar para preservar-se da peste, Conforme o que tem ensinado a Experiência principalmente na Peste de Marselha em 1720, de Toulon em 1721, e de Moscou em 1771 [...]* Ila. edição, a que se ajunta o Opusculo de Thomas Alvares e Garcia de Salzedo sobre a Peste de Lisboa em 1569. Lisboa: Academia Real das Ciências. https://books.google.com.br/books?id=tUk_AAAAcAAJ&pg=PA35&lpg=PA35&dq=Advertencias+dos+meios+que+os+particulares+podem+usar+para+preservar-se+da+peste&source=bl&ots=W96AxeEwEV&sig=GwVHoDnqfmXFxrcdJzG8Z229kuk&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwipt4vGxo7dAhVQmJAKHZjnAR0Q6AEwAHoECACQAQ#v=onepage&q=Advertencias%20dos%20meios%20que%20os%20particulares%20podem%20usar%20para%20preservar-se%20da%20peste&f=false

PORTUGAL. 1653. *Regimento dos preços por onde os Boticarios hão de vender suas mezinhas, feito por mandado de Sua Magestade nesta Cidade de Lisboa, em Junta, que fez o Doutor Antonio de Castro, Medico da Camara e Pessoa Real de Sua Magestade, e seu Fisico-Mór, com os Medicos, e Boticarios para isso deputados, em Lisboa, 20 de maio de 1653*. In: ANDRADE E SILVA, José Justino. 1856. *Collecção chronologica da legislação portugueza, 1648-1656*. Lisboa: Imprensa de F. X. de Souza. http://books.google.com.br/books?id=SF9OAAAAYAAJ&pg=PA115&lpg=PA115&dq=%22diamargararit%C3%A3o%22&source=bl&ots=bYK1wppGfC&sig=Zeds_H7RtezF4EqEHV8faRIW2Ps&hl=pt-BR&sa=X&ei=eEcpT6amGczOgAf046GTBQ&sqi=2&ved=0CCAQ6AEwAA#v=onepage&q=%22diamargararit%C3%A3o%22&f=false

PORTUGAL/ Junta de Providencia Literaria. 1771. *Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra: no tempo da invasão dos denominados Jesuitas e dos estragos feitos nas sciencias e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações, e publicações dos novos estatutos por elles fabricados*. Lisboa: Na Regia Officina Typographica. Disponível em <https://archive.org/details/compendiohistori00port>

REIS, Maria de Fátima 2004. *Saúde Pública e Assistência em Lisboa no tempo de D. Sebastião*. In: *VII Congreso de la Asociación de Demografía Histórica - ADEH*. Granada: 2004. Disponível em: <http://www.adeh.org/?q=es/node/6701>

RODRIGUES, Teresa. 1990. *Crises de Mortalidade em Lisboa. Séculos XVI e XVII*. Lisboa: Livros Horizonte.

ROQUE, Mário da Costa. 1979. *As pestes medievais europeias e o "Regimento proueytoso contra ha pestenença": Lisboa, Valentim Fernandes [1495-1496]: tentativa de interpretação à luz dos conhecimentos pestológicos actuais*. Paris : Fundação Calouste Gulbenkian. Centro Cultural Português, 1979.

ROSA, Maria Carlota, CARVALHO, D. M., MENEZES, M., TEIXEIRA, D. L. M., CAFEZEIRO, E. Regimento proueytoso contra ha pestenença: Glossário. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v.12, p.869 - 981, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702005000300017&script=sci_arttext .

SANTOS, Georgina Silva dos. 2005. A Arte de Sangrar na Lisboa do Antigo Regime. In: *Tempo*, 10 (19): 43-60. Dez. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000200004

SILVA, Innocencio F. (1858-1958). *Diccionario bibliographico portuguez applicaveis a Portugal e ao Brasil*. cont. e ampliado por Brito Aranha. Lisboa: Imprensa Nacional. 22v. <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242735>

Sousa, Luís de , Frei. 1818-1853. *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*. Lisboa: Typographia Rollandiana. 6vv,

<https://books.google.pt/books?id=Ur4GAAAAQAAJ&dq=inauthor%3A%22Lu%C3%ADs%20de%20Sousa%22&hl=pt-PT&pg=PA1%23v=onepage&q&f=false#v=onepage&q&f=false>

<https://books.google.pt/books?id=Ur4GAAAAQAAJ&dq=inauthor%3A%22Lu%C3%ADs%20de%20Sousa%22&hl=pt-PT&pg=PA175#v=onepage&q&f=false>

<https://books.google.pt/books?id=Ur4GAAAAQAAJ&dq=inauthor%3A%22Lu%C3%ADs%20de%20Sousa%22&hl=pt-PT&pg=PA380#v=onepage&q&f=false>

<https://books.google.pt/books?id=KWAAAAAAMAAJ&dq=inauthor%3A%22Lu%C3%ADs%20de%20Sousa%22&hl=pt-PT&pg=PA3#v=onepage&q&f=false>

<https://books.google.pt/books?id=KWAAAAAAMAAJ&dq=inauthor%3A%22Lu%C3%ADs%20de%20Sousa%22&hl=pt-PT&pg=PA154#v=onepage&q&f=false>

<https://books.google.pt/books?id=KWAAAAAAMAAJ&dq=inauthor%3A%22Lu%C3%ADs%20de%20Sousa%22&hl=pt-PT&pg=PA311#v=onepage&q&f=false>

WIKIPEDIA, contribuidores.. *Vinho*. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vinho>

ZACUTO LUSITANO. *De medicorum principum historia libri sex*. Coloniae Agrippinae [Colônia]: ex officina Iohannis Frederici Stam,1629.

https://books.google.com.br/books?id=WimUf4O22_8C&pg=PA3&dq=zacuto+lusitano+De+medicorum+principum+historia+libri+sex.&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q=zacuto%20lusitano%20De%20medicorum%20principum%20historia%20libri%20sex.&f=false

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-922372-1-9



9 788592 237219